

Correio das Artes

ANO
LXXXVI

Nº
6



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representações, R\$ 15,00.



Luiz Augusto Crispim

Advogado, escritor, cronista e jornalista paraibano, o homem das "andanças pelos tempos descalços" faria 80 anos neste mês de agosto

Suplemento
literário
do Jornal A União
Agosto
2025

**NOTÍCIA COM FONTE,
FATO COM PROVA,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.**

**CORREIO DAS ARTES
COM REGULARIDADE.**

marketing_epc/foto: leonardo ariel



A UNIÃO



Ano CXXXII Número 033 | R\$ 3,00



João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 12 de março de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1953 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

CONEXÃO EUROPA

Potencial econômico da Paraíba é apresentado para 150 países

do Fórum de Turismo que está sendo realizado em Lisboa. Página

Presidente da

**ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA
MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO
LITERÁRIO DA PARAÍBA.**

83 99117-7042

Caso estivesse vivo, Luiz Augusto da Franca Crispim completaria 80 anos no dia 23 de agosto deste corrente ano. Ele travou guerra contra um câncer e perdeu a derradeira batalha em 2008, quando tinha 63 anos de idade.

Advogado, escritor, cronista e jornalista, este último ofício rendeu o batismo da redação no centenário jornal **A União**. Crispim construiu a figura de um ser humano íntegro e generoso, que fazia a sua trajetória com os pés, descalços, tocando o chão. Não é à toa que um de seus livros – *Caminhos de mim* – tem o subtítulo de “andanças pelos tempos descalços”. Ele chegou a declarar que as crônicas, essas visões que ele capturou da vida, possuíam a sua alma.

Homem público, ele presidiu por duas gestões a Academia Paraibana de Letras (APL), local onde acontecerá, no mês de setembro, o lançamento da versão ampliada da obra *OMorador da Pensão da Paz Dourada: Uma Quase Biografia de Luiz Augusto Crispim*, de autoria do jornalista e escritor José Nunes.

Nesta edição, a matéria de capa da repórter Alexsandra Tavares mostra que há um equívoco no começo da primeira frase deste texto. Ela procurou os entes queridos, amigos e colegas de profissão para atestar uma verdade incontestável: na memória dessas pessoas, Crispim nunca perdeu a batalha contra o câncer e vive muito bem, acompanhando descalço, com os pés no chão, os caminhos dos seus filhos e dos seus companheiros de trajetória.

Ainda como destaque, temos a estreia de Renálide Carvalho, com a coluna *Negros Riscos*. Negra, escritora, educadora, feminista e militante dos movimentos sociais e da negritude, ela vem adicionar a pluralidade que este suplemento necessita – uma perspectiva, inclusive, além-mar.

MÚSICA 20

Cantor e compositor paraibano Totonho usa a doídice como método para suas canções

POESIA 28

Hildeberto Barbosa Filho analisa a nova obra do poeta André Ricardo Aguiar

ENSAIO 34

Uma mostra de “A Quarta Parede”, exposição do português Rodrigo Bettencourt da Câmara

RESENHA 51

Para ler “Brando Fogo das Palavras”, coletânea poética de Sérgio de Castro Pinto

ENTREVISTA 54

Ana Rüsche propõe uma reflexão urgente sobre a crise ambiental em “Quimeras do Agora”

ESTREIA 60

“Não fuja à vida, Poesia” é o texto inaugural de Renálide Carvalho para a coluna “Negros Riscos”



SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Lucas Nóbrega
Diagramação

Bruno Chiossi
Arte da capa e ilustrações

Esmejoano Lincol
Revisão textual

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



Quando nem o adeus ofusca a beleza de ser

Amigos e parentes de Luiz Augusto Crispim relembram momentos vividos ao lado do advogado, escritor e jornalista, que faria 80 anos neste mês de agosto

Alexsandra Tavares

alexandrajornalista@gmail.com

Presença da ausência do intelectual paraibano é refletida em cada canto do Memorial Luiz Augusto Crispim, situado no escritório onde ele trabalhou, no Centro de João Pessoa

Saudade. Uma palavra da língua portuguesa que frequentemente é considerada única e difícil de traduzir diretamente para outros idiomas e que representa o sentimento causado pela ausência de alguém ou de algo que se deseja por perto. É com a eterna sensação de despedida precoce que amigos e parentes de Luiz Augusto da Franca Crispim relembram momentos vividos ao lado do advogado, escritor, jornalista

e homem público, que faria 80 anos neste mês de agosto se não tivesse partido devido a um câncer de próstata. Quase 17 anos após o adeus, ainda está viva na memória dos filhos e companheiros de jornada a imagem de um ser humano íntegro e inteligente, que chamava a tenção não apenas pelo porte atlético, mas também pelo talento e cordialidade para com o próximo.

Para marcar os oito décadas que o intelectual completaria

neste ano, foi programada uma série de eventos. Entre as homenagens está a edição ampliada da biografia *O Morador da Pensão da Paz Dourada: Uma Quase Biografia de Luiz Augusto Crispim*. O escritor e jornalista José Nunes, que assina a primeira versão, lançada originalmente em 2010, está à frente da elaboração da nova edição. Segundo ele, o lançamento está previsto para setembro, no Centro de João Pessoa, na sede da Academia Paraibana de

Letras (APL), entidade da qual Crispim fazia parte.

A primeira publicação da obra, editada como cortesia pela Editora A União, foi distribuída gratuitamente. Na nova versão, foram incluídos depoimentos sobre a vida e a obra do paraibano, destacando, sobretudo, sua produção literária, composta de poesia, romance, estudos filológicos e crônica. “Crispim foi, eminentemente, um cronista”, destacou Nunes.

O livro será editado pelo Ideia e entre as colaborações estão textos de Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Hildeberto Barbosa Filho, Francisco Gil Messias (recentemente eleito para a APL), entre outros. *O Morador da Pensão da Paz Dourada* terá cerca de 100 páginas e conterà um acervo fotográfico. O desenho da capa é assinado pelo artista plástico Flávio Tavares.

“A ideia da biografia, ou quase biografia, como estou

chamando, surgiu há 15 anos. À época, por ocasião dos 65 anos que Crispim completaria, porque ele havia falecido quase dois anos antes, e o *Jornal A União* com a Academia Paraibana de Letras queriam prestar homenagem póstuma ao seu ex-presidente e ao imortal. Então, escrevi um pequeno livro. Agora, quando ele faria 80 anos, a convite da família, ampliamos o material, ricamente ilustrado”, frisou Nunes.

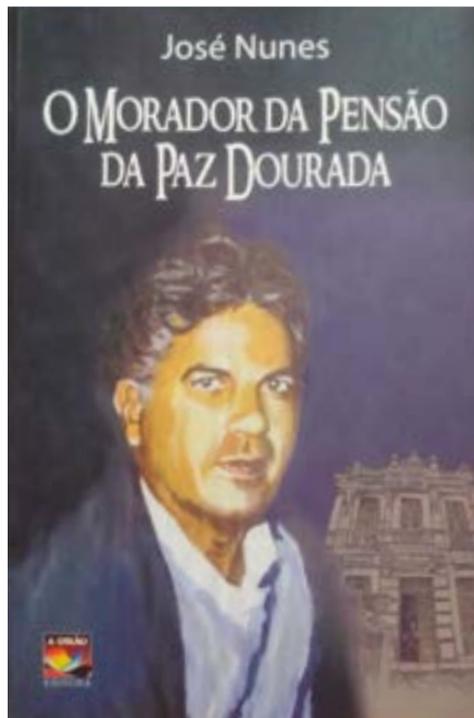


Foto: Arquivo pessoal/José Nunes



Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Capa com arte de Flávio Tavares (à esq.) de "O Morador da Pensão da Paz Dourada: Uma Quase Biografia de Luiz Augusto Crispim" (2010), obra que terá uma nova versão pelo escritor e jornalista José Nunes (à dir.)

Missa

Durante as celebrações, foi realizada uma missa com cânticos gregorianos em memória do paraibano na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, no dia 23 de agosto, data do nascimento de Luiz Augusto Crispim. O celebrante foi o Monsenhor Marcelo Arruda.

No cronograma, ainda está previsto um encontro no Memorial e Instituto Luiz Augusto Crispim, situado no escritório onde o intelectual paraibano trabalhou, no Centro de João Pessoa, mas a data ainda será definida. A APL, da qual fez parte, ocupando a cadeira nº 3, também se prepara para realizar um evento, que deverá expor as obras do pa-

raibano. A previsão é de que a homenagem ocorra em setembro. "A proposta da família, encampada pela Academia Paraibana de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e a Associação Paraibana de Imprensa (API), é de que durante 12 meses aconteça um evento para fazer memória de Luiz Crispim", declarou José Nunes.

Tempos de outrora

Muitos amigos do advogado, jornalista e escritor participaram das homenagens. Uma dessas pessoas foi a professora Ângela Bezerra de Castro, escritora e integrante da APL. Amiga próxima da família Crispim, ela conheceu Luiz Augusto em 1964, quando ambos eram estudantes da Faculdade de Direito, em João Pessoa. Ela estava no terceiro ano do curso, enquanto Crispim era um aluno recém-chegado. "Nos encontramos na escada, nos apresentamos e ali estava selada nossa amizade. Ele relembra esse instante numa das lindas crônicas que me dedicou: *Esmeraldas Verdadeiras*, em 1997. Na época, eu era alvo de grandes injustiças e ele veio em minha defesa", contou a professora.

Os anos se passaram e a proximidade entre os dois só aumentou. Décadas após esse primeiro encontro, já em tratamento contra o câncer de próstata que lhe tirou a vida,

Crispim reuniu várias crônicas que escrevera na época e confiou o material à análise da professora para saber se valeria publicá-lo.

"*Caminhos de Mim* compõe um lindo volume editado com muito esmero. Tem ilustrações de Flávio Tavares e textos meu, de Gonzaga [Rodrigues] e de Martinho [Moreira Franco]. Tenho muitas lembranças de Luiz Augusto. Posso dizer que foi a amizade perfeita, que incluía Dilinha [Ádila Espínola, esposa de Crispim], com quem ele se casou muito cedo. Amava os dois como irmãos muito queridos e dividimos sempre alegrias e tristezas, até que eles partiram".

Luiz Augusto Crispim e Adília Espínola da Franca Crispim casaram-se bem jovens e da união nasceu o casal Teresa Crispim, psicóloga, e Luiz Augusto Crispim Filho, que também seguiu a carreira da advocacia.

Outra lembrança que a professora Ângela guarda do amigo está relacionada à reta final do tratamento contra a doença, quando já não havia muita coisa a fazer para destruir o tumor maligno. "Tenho muitos momentos marcantes

vividos com Luiz Augusto. Ele abraçado comigo no Tribunal de Justiça, sendo meu advogado num processo ridículo de perseguição. A madrugada em que fomos buscá-lo no aeroporto, depois da primeira cirurgia, em São Paulo. Eu, Martinho e Gonzaga. Não existia mais nenhuma luz em seu olhar. Só desamparo e escuridão que guardei para sempre", lamentou Ângela.

O jornalista e advogado Abelardo Jurema Filho também faz parte da lista de companheiros de longa data de Luiz Augusto Crispim. O primeiro contato entre os dois foi em meados da década de 1970, na redação do extinto jornal *O Norte*, do grupo Diários Associados, em João Pessoa.

Abelardo enfocou que, naquele tempo, o paraibano já pontificava na literatura da Paraíba como jornalista, ensaísta, cronista e crítico literário. "Ele mantinha crônica diária na página de *Opinião*, do jornal *O Norte*, ao lado de outras figuras estelares como Virgínius da Gama e Melo, Genésio de Sousa, Gonzaga Rodrigues, Nathanael Alves, Barreto Neto e Francisco Pereira Nóbrega", contou.



Passando por diversos jornais, Crispim desempenhou o cargo de diretor em *A União*, na década de 1970

Foto: Arquivo A União

Foto: Marcus Antonius/Arquivo A União



Professora e escritora Ângela Bezerra de Castro conheceu Luiz Augusto em 1964, quando ambos eram estudantes da Faculdade de Direito, em João Pessoa



Foto: Sidney Guerra/Divulgação

Assim como o currículo, a imagem de Crispim também impressionou Abelardo, que chegara na redação de *O Norte* ainda como um inexperiente profissional da Comunicação Social. De acordo com ele, a figura de Crispim o impressionou, pois era um homem alto, com mais de 1,80m de altura, corpo de atleta, bem-nascido e bem-criado que, por um lado, impunha respeito aos homens e colecionava olhares de admiração das mulheres.

Abelardo contou que foi muito bem recepcionado pelo jornalista veterano e, apesar da diferença de idade, tornaram-se grandes amigos. “A diferença de idade não impediu que nos aproximássemos e nos tornássemos grandes amigos. Cúmplices. Irmãos de sentimentos e afinidades”, completou.

Para ele, Luiz Augusto era uma inspiração, um modelo de jornalista a ser seguido, pois era comprometido com a profissão e admirado por todos os leitores e amigos. Uma das experiências marcantes que ele destacou foi um fato ocorrido no período em que Crispim

exercia o cargo de secretário de Comunicação do Estado.

Atendendo à solicitação de um “amigo”, Abelardo apresentou ao então gestor um grupo mineiro que desejava firmar parceria com o Governo do Estado, em um empreendimento que iria realizar em João Pessoa. Apesar de não conhecer os investidores, Abelardo resolveu levá-los a Crispim, com a melhor das intenções.

“No dia seguinte à audiência, da qual não participei, recebi um telefonema de Crispim. ‘Despachei aqueles caras. Vieram com uma conversa que eu receberia uma robusta comissão para autorizar o processo. Interrompi a audiência e indiquei a porta de saída’”, revelou o jornalista. Ele tantas qualidades, ele frisou que “Luiz Augusto Crispim era um homem da maior integridade, incorruptível”.

Dentre os incontáveis momentos juntos, Abelardo lembra de um gesto carinhoso do amigo. Sabendo que não alcançaria a cura recomendou, à família, que depois de sua partida entregasse a Abelar-

Jornalista Abelardo Jurema com o relógio Vacheron Constantin, um presente do amigo Crispim: “Uso-o até hoje em meu braço esquerdo como um amuleto”

do Jurema um de seus objetos pessoais. “Após a sua morte, recebi em casa a visita do seu filho, o advogado Lula Crispim, a quem conheci ainda criança. Fiquei surpreso e comovido com a razão da visita: veio me entregar, em mãos, um relógio Vacheron Constantin, marca suíça de muito valor. Uso-o até hoje em meu braço esquerdo como um amuleto”.

Para Abelardo Jurema, Luiz Augusto Crispim era uma inspiração, um modelo de jornalista a ser seguido, pois era comprometido com a profissão e admirado por todos os leitores e amigos



Redação de A União, em João Pessoa, foi batizada com o nome do jornalista; no local, há uma placa e um quadro produzido pelo artista Tônio

Reconhecimento

Além de ficar eternizado na memória daqueles que usufruíram de sua companhia ao longo da vida, Luiz Augusto Crispim recebeu algumas homenagens. O nome dele batiza uma escola municipal no bairro dos Ipês, na capital paraibana, situada na Rua Presidente Tancredo Neves, além de uma rua no município paraibano de Santa Rita. O escritor e jornalista, que desempenhou cargo de diretoria no Jornal *A União*, na década de 1970, também dá nome à redação do periódico estatal. A iniciativa foi do então superintendente Nelson Coelho, na primeira década do século 21.

Até hoje, entre a rotina frenética da equipe que produz o jornal, os profissionais podem, entre uma pausa e outra, presenciar um quadro de Luiz Augusto Crispim pintado pelo artista plástico, Tônio, afixado em uma das paredes da redação, além de uma placa de metal com o nome e imagem de Crispim cuja arte é assinada pelo mesmo artista. Mesmo inanimadas, as peças reavivam o tempo em que o jornalista transitava por este ambiente. “Fiz o quadro para entregar a família e decidiram colocar na redação do Jornal *A União*. Ele não chegou a ver, já tinha morrido”, lamentou Tônio.

Um mar de memórias

A viagem à Europa como presente de debutante, a experiência de, aos cinco anos de idade, ser a madrinha do pai quando este comemorou a formatura do curso de Direito, as idas ao cinema e aos concertos para prestigiar a Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB), dentre outros eventos culturais. Foram inúmeros momentos inesquecíveis que a psicóloga Teresa Crispim, primogênita de Luiz Augusto Crispim, vivenciou ao lado do homem que ela chamava “luz da minha vida”. Um dos mais marcantes, porém, foi o último verão que passaram juntos, na praia de Camboinha, em João Pessoa, três meses antes de Crispim fazer a segunda e última cirurgia para tratar o câncer.

“Foi seu último banho de mar, pelo qual ele era apaixonado. Ele estava bem, mas frágil, e me pediu para dar um mergulho. Fomos só nós dois. Ficamos no mar, naquele final de tarde, por uma meia hora. Ele falava, refletia sobre a vida, ria, chorava. Rezamos. Ao final, me agradeceu e voltamos para casa reenergizados. Nunca esquecerei aquele momento divino”, contou Teresa.

Ambos tinham o mesmo gosto pelas artes, música, enfim, atrativos culturais. Por isso, eram a companhia perfeita nesses eventos. A referência que Teresa guarda do advogado, escritor e jornalista é de um homem “muitíssimo inteligente e culto, mas, acima de tudo, sensível para as coisas do humano”. Segundo ela, Crispim era um observador do cotidiano, atento às necessidades sociais dos desamparados e marginalizados. “O vi muitas vezes atuando para tentar resolver situações de pessoas

em vulnerabilidade social. Suas crônicas e poemas são a prova da sua sensibilidade, está tudo lá”.

Como pai, Teresa contou que ele era um homem bem-humorado, acordava fazendo brincadeira, adorava estar em casa, praticar esporte e viajar com a família. Era um ser humano disciplinado e determinado e isso o ajudou a concretizar os projetos que idealizou ao longo da vida. “Mas, não aprendeu a tocar piano, dizia que ia morrer com essa única frustração. O restante fez”, recordou Teresa.

Em dezembro, completará 17 anos de morte de Luiz Augusto Crispim, porém, Teresa revelou que ele está eternizado nos ensinamentos que deixou para os filhos e nas obras escritas. Quando a vontade de estar perto bate mais forte, a filha busca a presença do pai neste legado. “Quando tenho saudades das suas palavras, busco seus escritos. Leio em



Foto: Arquivo pessoal

Foram inúmeros momentos inesquecíveis que a psicóloga Teresa Crispim, a primogênita de Luiz Augusto, vivenciou ao lado do homem que ela chamava de a “luz da minha vida”

voz alta. Releio dia a dia seus poemas e crônicas, fazendo disso a possibilidade de estar com o melhor dele, seus pensamentos e palavras”.

já que o saudoso pai era adepto de práticas como o tênis.

“Nos víamos em casa e também no escritório, já que trabalhávamos juntos. Começávamos o dia às 5h da manhã, no jogo de tênis. Ele treinava muito, era bastante competitivo e não gostava de perder. Então, se esforçava muito, apesar de ser 22 anos mais velho do que eu. Me vem muito na lembrança nossas partidas de tênis. Na volta, ele fazia questão de me dar a lição de que devemos buscar fazer tudo com excelência e empenho”, comentou.

As viagens para o exterior, além de proporcionar experiências agradáveis em família, vinham carregadas de aprendizado sobre conhecimentos gerais. Segundo Crispim Filho, a ocasião era propícia para conversarem sobre História, Geografia e Filosofia. “Eram verdadeiras aulas *in loco*. Apesar de ser muito ocupado, posso dizer

que meu pai foi bem presente na vida dos filhos”.

Um dos recortes marcantes que ele vivenciou ao lado do pai foi quando o intelectual paraibano ficou entre os seis advogados selecionados na eleição da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Paraíba (OAB-PB) para concorrer à vaga de desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJ-PB), referente ao quinto constitucional.

“Meu pai só apareceu no dia da votação e foi eleito na lista sêxtupla. Naquele dia, ele entrou no carro comigo voltando para casa e disse: ‘meu filho, este tipo de eleição não se faz campanha, este cargo merece respeito, ou seja, o advogado deve apenas emprestar seu nome para a avaliação da classe, nada mais’. E, apesar de feliz, nada mais disse até chegarmos em casa! Achei aquilo incrível. Ele não se envaideceu com aquela eleição”, comentou Crispim Filho.

A ética, conforme Lula, era um dos valores mais primados pelo pai. “Ele se preocupava em nos ensinar a viver bem da forma correta, sempre baseados em princípios e valores inegociáveis. Nisso, tivemos dois bons grandes professores: ele e minha mãe. O que é certo é certo, o que é errado é errado”.

Quando se detectou o câncer de próstata, Luiz Augusto foi a uma consulta em São Paulo, ocasião em que foi confirmado o diagnóstico e revelada a agressividade da doença. No entanto, apesar da gravidade do tumor, a situação não desestruturou a família, pelo contrário, fortaleceu.

“O médico comparou a agressividade do câncer com a agressividade de um [cão] *pitbull*. Ou seja, era bastante

Foto: João Pedrosa

Advogado Luiz Augusto Crispim Filho, assim como o pai, trilhou a carreira do Direito, experiência que foi compartilhada entre os dois por muitos anos no escritório da família



Espelho de homem e profissional

O advogado Luiz Augusto Crispim Filho, assim como o pai, trilhou a carreira do Direito, experiência que foi compartilhada entre os dois por muitos anos no escritório da família, situado em João Pessoa. Alto, cabelos escuros e de fino trato, Lula Crispim, como é chamado pelas pessoas mais próximas, herdou não apenas a vocação para o universo jurídico, mas também o gosto pelo esporte,

agressivo! Eu saí da sala muito assustado e abalado! Mas, enfrentamos a doença com esperança e muita fé. E apesar de nossa determinação, sempre estive em paz porque reconheço que algumas situações fogem de nosso controle. Só sei que a doença de meu pai uniu a família e fez muita gente refletir sobre o verdadeiro sentido da vida. Ou seja, creio que até nesse deserto que ele viveu, foi usado por Deus para nos ensinar”.

Assim como a irmã Teresa, Crispim Filho afirmou que, apesar da ausência física, o pai continua vivo, devido à trajetória marcante e intensa que

trilhou. Até hoje, o pai é exemplo e referência em sua vida. “É como se ele estivesse vivo. E, na prática, busquei executar alguns planos e sonhos dele”.

Recortes de uma trajetória

Objetos que marcaram a história de Luiz Augusto Crispim estão guardados em um memorial que leva o nome do paraibano e funciona no escri-

tório onde ele atuou, no Centro de João Pessoa. Móveis da casa do município de Gravatá, onde a família passava as férias, quadros, fotografias, raquete e até o calçado que ele usava quando ia praticar tênis, recortes de jornais, livros, canetas, objetos decorativos, inúmeros certificados conquistados na vida profissional são alguns dos testemunhos de uma vida múltipla e intensa.

O espaço foi criado há 10 anos, sendo idealizado por Luiz Augusto Crispim Filho. Inicialmente, o acervo ficava exposto em uma sala de um empresarial, que pertencia à família. Depois, Crispim Filho

resolveu transferir o material para o escritório onde trabalha e que, por alguns anos, compartilhou a companhia do pai. “Nessa mudança, algumas peças foram até furtadas, a exemplo de quatro máquinas fotográficas Cannon, que eram as queridinhas dele”.

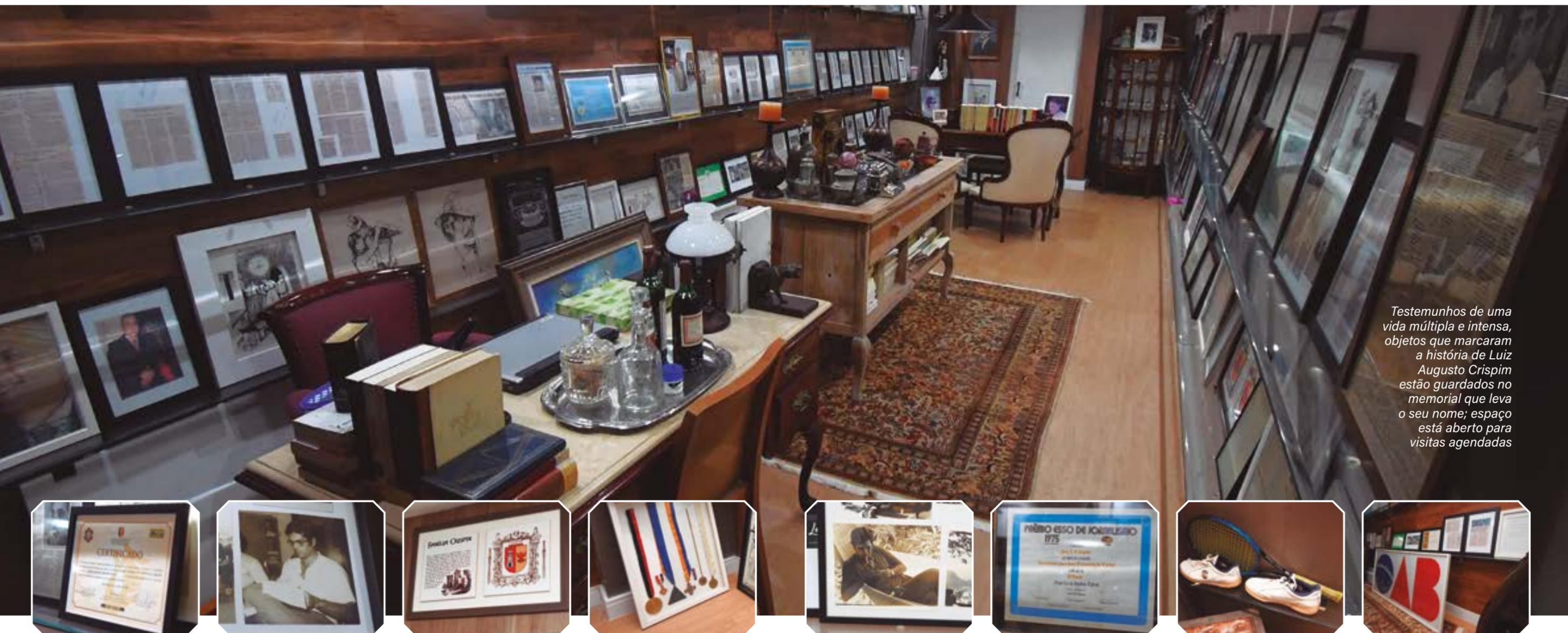
A vida de homem público, advogado, jornalista e escritor está representada nos objetos que compõem o memorial, a exemplo do certificado do Prêmio Esso de Jornalismo, conquistado por Crispim em 1975, com o trabalho *Incentivos para uma Economia de Cordel*, publicado no jornal *O Norte*, além de fotografias com ex-governado-

res como Ernani Sátiro, Wilson Leite Braga, José Maranhão, dentre muitos outros.

Neste cômodo do escritório, que se transformou em memorial, funcionava a biblioteca de Luiz Augusto Crispim, que também se desmembrava nos livros que ficavam em sua residência. Ao todo, ele reunia mais de cinco mil títulos. No entanto, a biblioteca não era restrita à família Crispim, Luiz Augusto liberou o acesso para outros visitantes. Após o seu falecimento, parte das obras foi doada para instituições como sebos e a Fundação Casa de José Américo (FCJA). A outra parte ficou com a família.

O Memorial e Instituto Luiz Augusto Crispim, situado na Avenida Engenheiro Clodoaldo Gouveia, 87, está aberto à visitação, sendo frequentado sobretudo por estudantes. “Algumas turmas de escolas públicas e de casas de acolhimento de crianças já vieram nos visitar. Recentemente, convidamos um instituto que acolhe crianças e que funciona com uma escola no Cristo Redentor. Foi uma festa”, afirmou Crispim Filho. Quem desejar conhecer o memorial pode realizar o agendamento pelo perfil oficial no Instagram (@juridico.lac).

Fotos: João Pedrosa



Testemunhos de uma vida múltipla e intensa, objetos que marcaram a história de Luiz Augusto Crispim estão guardados no memorial que leva o seu nome; espaço está aberto para visitas agendadas



Companheiros de jornada

O olhar sensível para o cotidiano fez com que Luiz Augusto Crispim se destacasse, sobretudo, na crônica. Para o escritor, jornalista e cronista Gonzaga Rodrigues, quando se dedicava a esse gênero, o paraibano trazia um misto de poética. “A crônica dele era mais poética, porque o que ele escrevia era o que estava dentro dele, e o que estava dentro dele era o poeta Luiz Augusto Crispim. Então, no transporte da poesia para a crônica, ele que me perdoe, mas eu fico mais com a crônica”, frisou.

Segundo Gonzaga, o texto de Crispim era muito peculiar, tinha identidade e, mesmo que ele não assinasse a crônica, era

possível identificar a autoria. “O espírito dele e o caráter estavam no texto”, completou.

Gonzaga e Crispim trabalharam juntos no antigo jornal *O Norte* na década de 1960, que tinha como principal concorrente, na época, o jornal *Correio da Paraíba*. Eles integraram um grupo de profissionais que incluía jornalistas como Nathanael Alves e Martinho Moreira Franco.

Na ocasião, a missão da equipe seleta era reerguer o veículo dos Diários Associados que passava por dificuldade. Foi nesse convívio que Gonzaga percebeu os diferenciais do trabalho de Luiz Augusto. “Em rapidez, na elaboração de um texto dire-

to, ele só perdia para um rapaz chamado Carlos Aranha. A qualidade do texto de Crispim era de uma concisão e sobriedade admirável, sabia dizer somente o necessário”, comentou.

O poeta, escritor e jornalista Sérgio de Castro Pinto também destacou a crônica como um dos destaques da carreira de Crispim, sobretudo quando o amigo abordava “o tempo pretérito e imprimia nos escritos um tônus memorialista”.

Sérgio afirmou que tinha parentesco com o amigo jornalista e advogado por causa do sobrenome “Franca”. “Meu pai chamava-se Petrónio Franca de Castro Pinto. E também

sou parente de Ádila, esposa de Crispim, pelo lado Franca”. Ele contou que, apesar de andarem por caminhos diferentes — uma vez que a vida de homem público abraçada por Luiz Augusto não o atraía — eles eram amigos. “Crispim era um sujeito afável, extremamente educado”, recordou.

Outro jornalista contemporâneo do advogado paraibano foi o escritor e poeta Hildeberto Barbosa Filho. O contato entre os dois ocorreu na década de 1970, quando Luiz Augusto já transitava na vida pública. Hildeberto contou que, mesmo sem o conhecer, Crispim o convidou para assessorá-lo como secretário de Cultura, Esportes e Turismo no Governo Wilson Braga. “Ele me fez diretor do Gabinete de Arte Literária da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego”, salientou Hildeberto.

Em suas recordações, ficou a imagem de um “amigo leal, requintado, um estimulador das atividades intelectuais e artísticas”. Como profissional da Comunicação Social, Hildeberto frisou que ele era um jornalista responsável e preocupado com a responsabilidade que envolve o uso da informação.

Porém, é na crônica que ele enxerga o principal holofote na escrita de Crispim. “Entre as suas características estão a de escritor e cronista, sobretudo cronista, de estilo leve e elegante, que fez de sua percepção lírica sobre as coisas uma espécie de fotografia poética e histórica da cidade. Crispim escrevia fácil e fluente, sempre atento à doce banalidade do cotidiano, porém, trazendo um olhar novo sobre a paisagem, os seres e os fenômenos da vida. Além de cronista, Crispim foi poeta e ensaísta de grande envergadura”, observou Hildeberto Barbosa Filho.

Foto: Evandro Pereira



Foto: João Pedrosa



Foto: Leonardo Ariel



Entre os laços de amizade de Crispim, estão nomes como o escritor, jornalista e cronista Gonzaga Rodrigues (ao lado), o jornalista, escritor e poeta Hildeberto Barbosa Filho (acima); e o poeta Sérgio de Castro Pinto (abaixo)



Mesmo que Crispim não assinasse a crônica, era possível identificar a autoria; o espírito e o caráter dele estavam presentes no texto



Foto: Arquivo A União

Crispim era membro da Academia Paraibana de Letras (APL), sendo presidente por dois mandatos consecutivos

Vida e obra

Filho de Napoleão Crispim e Maria Tereza da Franca Crispim, o jornalista, poeta, escritor e advogado Luiz Augusto da Franca Crispim era conhecido não apenas pela elegância no vestir, mas pelo fino trato. Natural de João Pessoa, nasceu em 23 de agosto de 1945. Por volta dos 18 anos de idade, encantou-se por Ádila Espínola, que tinha por volta de 17 anos e, determinado, casaram-se ainda bem jovens. Da união, nasceram Teresa Elizabeth Crispim e Luiz Augusto Crispim Filho. Concluiu o curso de

Direito na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e também era mestre em Ciências Jurídicas e Sociais.

Trabalhou em jornais como **A União**, *O Norte*, *Correio da Paraíba* e também foi correspondente no *Jornal O Globo*, *a Folha de S.Paulo* e em outros veículos de circulação nacional. Atuou como advogado e exerceu inúmeros cargos públicos. Foi procurador-geral da Prefeitura Municipal de João Pessoa e também do estado, além de chefe da Casa Civil do Governo da Paraíba.

Exerceu, ainda, as funções de diretor presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur); presidente da Fundação Espaço Cultural (Funes); secretário es-

tadual de Comunicação Social; e secretário estadual de Cultura, Esportes e Turismo.

Assumiu o cargo de assistente administrativo da Secretaria das Finanças do Estado e de assessor especial da Secretaria da Indústria e Comércio.

Exerceu atividade acadêmica, trabalhando como professor da UFPB. Lecionou as disciplinas de Teoria da Opinião e Introdução ao Ensino do Direito, na Faculdade de Direito.

Dentre os reconhecimentos conquistados estão a de Menção Honrosa do Concurso de Monografias da UFPB, sobre a obra de Euclides da Cunha, 1968; Menção Honrosa da Fundação Cultural Manuel Bandeira, de Campina Grande, por serviços prestados à cultura paraibana, 1973; o Prêmio Esso de Jornalismo Regional pelo trabalho *Incentivo para uma Economia de Cordel*, 1975.

Luiz Augusto Crispim também era membro da Academia Paraibana de Letras (APL), sendo presidente por dois mandatos consecutivos; da Associação Paraibana de Imprensa (API), do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba, da Associação Cultural Franco-Brasileira e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

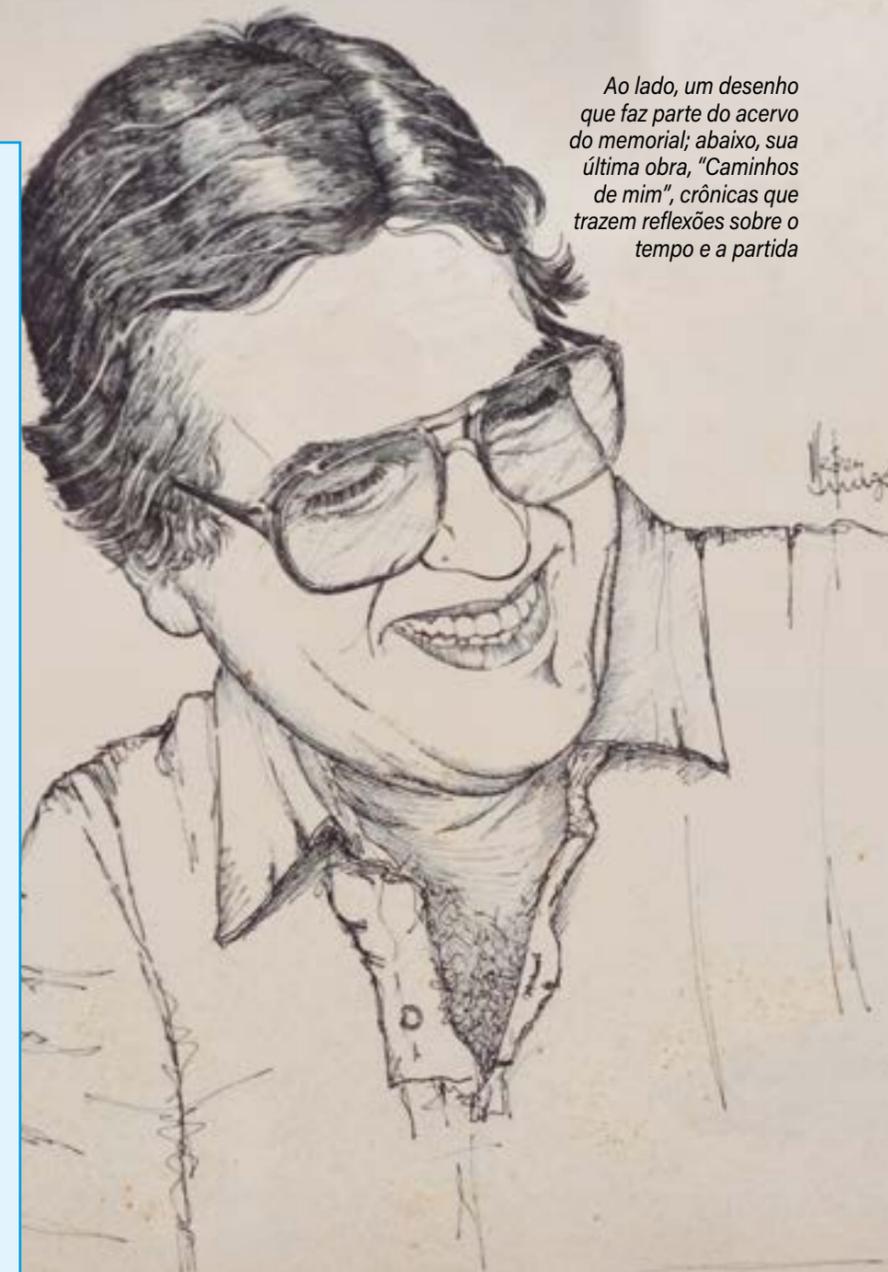
No dia 6 de dezembro de 2008, após se submeter, por cerca de dois anos, a um tratamento para combater um câncer de próstata, o escritor e advogado faleceu no Hospital da Unimed, na capital paraibana. O corpo foi velado na Academia Paraibana de Letras (APL). Cinco anos depois, em 19 de abril de 2013, a esposa Ádila Espínola também faleceu.

Alexsandra Tavares é jornalista, redatora do *Jornal A União* e repórter do 'Correio das Artes'. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Na literatura

Luiz Augusto Crispim teve grande participação na vida cultural e literária do estado, escrevendo diversos trabalhos. A última obra, *Caminhos de Mim: Andanças Pelos Tempos Descalços*, o autor escreveu durante o tratamento do câncer, mas não teve tempo para publicá-lo. O livro de crônicas evoca temas como a infância e a memória, trazendo reflexões sobre o tempo e a partida. No acervo do autor, podemos destacar as seguintes obras:

- *O Arco e a Fonte* (1975, crônica);
- *Teoria e Prática do Turismo Integrado* (1980);
- *A Expição de Orfeu* (1981);
- *Poemas da Estação* (1981, poemas);
- *Os Pecados da Tarde* (1984, poemas);
- *Os Delitos da Glória* (1985, ensaio);
- *As Artes da Paixão* (1985, crônicas);
- *Estudos Preliminares de Direito* (1997, introdução ao estudo do Direito);
- *A Dama da Tarde* (2001, crônicas);
- *Reparos da Vida* (2001, fotografia de autoria do autor);
- *Memorial da Pensão da Paz Dourada* (2006, crônicas);
- *Eu e Outros Arrecifes* (2006, crônicas);
- *O Herói Sem Rosto* (2007, romance);
- *O Arco e a Fonte* (2018, crônicas);
- *Caminhos de Mim: Andanças Pelos Tempos Descalços* (2010, crônicas).



Ao lado, um desenho que faz parte do acervo do memorial; abaixo, sua última obra, "Caminhos de mim", crônicas que trazem reflexões sobre o tempo e a partida

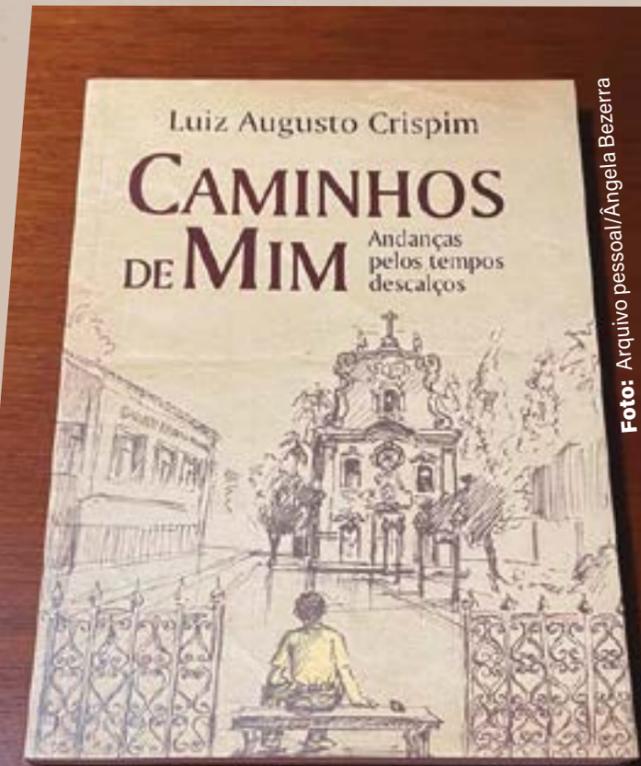


Foto: Arquivo pessoal/Ângela Bezerra



Crianças de Gaza

*Crianças de Gaza
não desenham o céu com lápis de cor
pintam ruínas com o silêncio dos olhos.*

*Brincam entre escombros,
como se a vida fosse feita de cacos
e o riso, um breve intervalo entre sirenes.*

*As bonecas não têm braços,
os carrinhos não têm rodas,
mas ainda há jogos
de esconde-esconde entre sombras e estilhaços.*

*Uma bola de pano rola
até o fim da rua destruída,
e ninguém sabe se volta.*

*Nos olhos delas cabem
o mar sem barcos,
o sol que não aquece,
e um espaço vigiado por corvos de metal.*

*O sono vem entre rajadas,
e os sonhos são campos abertos
onde ninguém grita,
onde mães sorriem
sem medo do amanhã.*

*Crianças de Gaza
aprendem cedo a conjugar
o verbo resistir.*

*E mesmo que a infância sangre,
a esperança ainda dança
— descalça —
entre as pedras.*

Sonata da Agonia

*O corpo arqueja como um arco tenso,
e a alma
essa partitura rasgada
treme no silêncio entre duas notas.*

*A dor tem dedos de pianista cego,
toca em mim
acordes que nem Deus decifra.*

*Choram os ossos,
os nervos cansados em febre,
e o tempo—esse maestro cruel
prolonga cada compasso
com sadismo de eternidade.*

*Não há pausa.
Nem suspenso que alivie.
Só o grave da angústia
e o agudo das memórias.*

*Quem ouve essa sonata?
Quem traduz os gemidos em música?
Talvez a noite,
que se deita comigo sem pedir licença,
sussurrando sinfonias que ninguém escreveu.*

*E quando o último som cair
num abismo de silêncio,
meu corpo será ainda partitura
mas lida apenas pelo pó.*

Tumbas, Sonhos e Espanto

*As tumbas não dormem.
Estão de olhos abertos,
observando o tempo que passa
sem piedade pelos ossos.*

*Ali, onde o mármore fala,
flores murcham antes de nascer.
E há um silêncio
que pesa mais do que o bronze das lápides.*

*Sonhos, esses, continuam vivos —
perambulam entre as cruzes,
vestidos de névoa,
gritando por nomes que ninguém mais
lembra.*

*Vi um menino correndo entre túmulos,
e um velho sentado sobre sua infância,
conversando com as abelhas.*

Ilustração: Bruno Chiossi

Irani Medeiros é poeta, escritor e pesquisador da cultura popular. Nasceu em Pombal, no Sertão paraibano e, atualmente, reside em João Pessoa (PB).





Jon Moreira
moreira_jon@hotmail.com



Asa da Palavra

Foto: João Pedrosa

Totonho e a doídice quando método

Conheci a música de Totonho em uma apresentação no Ponto dos Cem Réis, em João Pessoa, durante uma Festa das Neves que se perdeu no tempo. Ali estava aquela figura cantando sem prévias explicações ou avisos, e ouvi pela primeira vez “Nhem nhem nhem” e “Tudo pra ser feliz”. Fiquei fascinado. Talvez essa seja a melhor maneira de se conhecer uma obra de arte, ser arremessado sem indicações ou mapas. A irreverência de Totonho só era menor que a qualidade de sua composição. A partir daquela noite, acompanho a obra desse paraibano de Monteiro e considero sua canção como uma das mais instigantes do Brasil dos últimos anos.

Desde seu primeiro trabalho, *Totonho e os Cabras* (2001), que o músico diverte e se diverte através da linguagem em que suas canções mergulham.

As composições de Totonho provocam, associam referências inusitadas, aproximam as distâncias e misturam tudo no mesmo pirão. Há na obra do autor uma permanente transgressão, uma fuga das metáforas comuns, uma ludicidade com os ritmos e com a palavra que parece seguir os passos dos emboladores de coco e dos cantadores de viola. Já em seu primeiro disco, podemos observar esse movimento em numerosas canções, como em “A rainha”.

Em 2016, Totonho lança o *Coco Ostentação*, disco que dia-

loga com um dos ritmos mais importantes na formação da música brasileira. Longe de construir uma ideia cristalizada e folclórica da cultura nordestina, o compositor congrega a batida do zabumba com o batidão da música eletrônica, o pandeiro convive organicamente com as diversas colagens, mixagens e *scratches*. Totonho cutuca a caixa de marimbondo, espalha o zumbido, agita o público, quer mais é “ver canção piá”. O artista sabe como ninguém que a arte não é um espaço estático, e sim o permanente diálogo; a cultura popular não precisa ser

uma intocável peça de museu. Como Totonho costuma falar, “tradição é o que segue”.

Um exemplo desse processo criativo do compositor é “O coco vai começar”, quinta faixa do disco. A canção rompe com as linhas de tempo e espaço, com as fronteiras entre o sagrado e o profano. A letra do paraibano condensa a crucificação de Cristo, uma *rave*, o coco de roda, Jericó, Belém, João Pessoa, Recife e Cafarnaum, entre outras referências geográficas e da mitologia cristã em uma mesma fotografia. Vamos a sua letra:

*Era sexta da paixão
Tinha uma rave no calvário
Camelô vendendo cana
Espeto de bode assado
Carro pipa em contramão
Cirandeiro dando a mão
E Jesus ensanguentado*

*Rolou uma confusão
Emborcaram o caminhão
O filho de Deus arretado
Na reta dos cafundó
Favela de Jericó
Um bebo foi acalmá-lo*

*Jesus, irmão! Relaxe, oxe
Que estresse é esse, boy*

*Um batidão em Belém
As mulheres num citum
Monte de mulher num trem
Uma garrafa de rum
Outra enrolava um
Pra fazer uma viagem
Quando viu uma miragem
Um pobre de juazeiro
Indo pra Cafarnaum*

*Pintou um cabra da lei
procurando um DJ
Bandido por profissão
Contrataram uma porção
De romeiros digitais
pra ocupar os canais
De rádio da região*

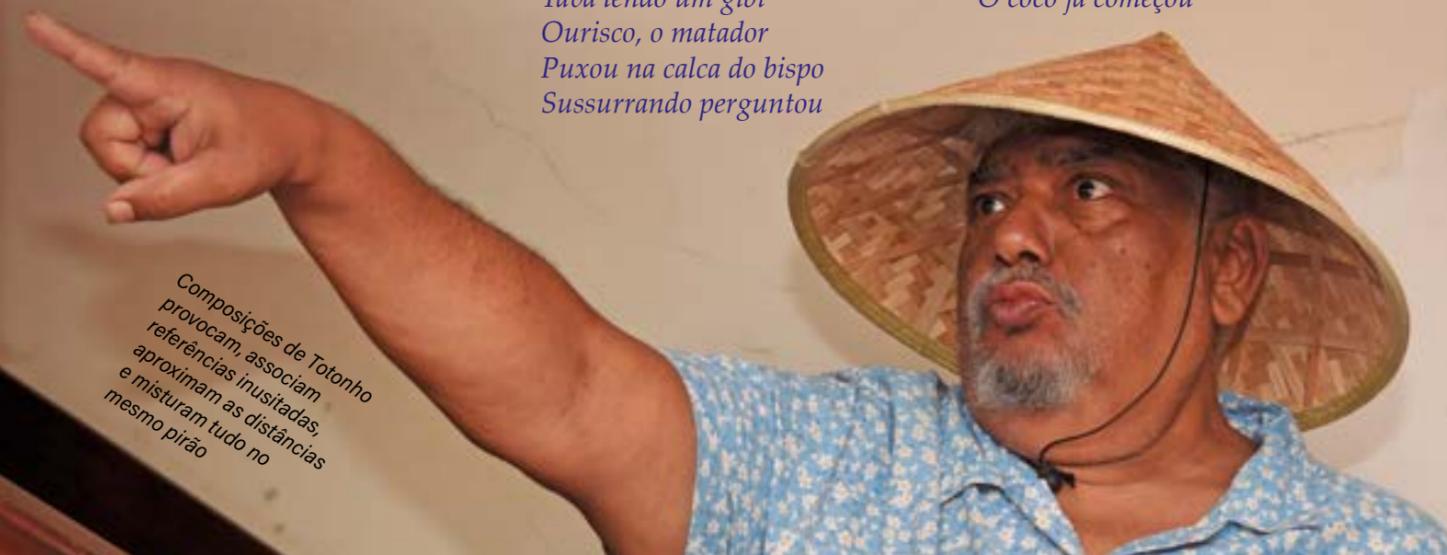
*De dentro de um bueiro
Um magrelo cabeludo
Pra não levar um cascudo
Passou um mês por ali
Tava lendo um gibi
Ourisco, o matador
Puxou na calca do bispo
Sussurrando perguntou*

*O coco vai começar
O coco já começou*

*O filme o vento levou
Não passou na Paraíba
Eu tava com a rapariga
Na Avenida Caxangá
Ouvi o galo cantar
O galo da madrugada
Botamo o pé na estrada
pra cair na bagaceira*

*Um cabra puxou a peixeira
a quenga escorregou
ainda hoje eu guardo
Uma foto digital
Do doido que empurrou
lá em cima da ladeira
polícia fez cara feia
e Escurinho gritou*

*O coco vai começar
O coco já começou*



Composições de Totonho
provocam, associam
referências inusitadas,
aproximam as distâncias
e misturam tudo no
mesmo pirão

Foto: João Pedrosa

Nessa canção, Totonho parece glosar o mote “eu querendo também faço / do jeito de Zé Limeira”. Os símbolos díspares, as lonjuras que se aproximam, o flerte com o nonsense podem apontar para o rastro que o “Poeta do Absurdo” deixou nas gerações que se seguiram. Já em seu primeiro disco, Totonho faz referência direta ao cantador em “Zelimeiriana”. Homem negro e sertanejo, assim como Totonho, Zé Limeira ficou eternizado como uma referência de uma poesia irreverente, que busca o inusitado, a contradição, o impossível. Em uma das muitas estrofes reunidas por Orlando Tejo em *Zé Limeira, o Poeta do Absurdo*, o repentista diz:

*Um dia Nossa Senhora
Se encontrou com Rui Barbosa
Tiraram um dedo de prosa
Viraram e foram se embora
Judas se enforcou na hora
Com uma corda de cimento
Botaram os filhos pra dentro
Foi pra arca de Noé,
Viva a princesa Isabé,
Diz o Novo Testamento.*

Na estrofe acima, o estranhamento é introduzido logo de cara pelo diálogo entre Nossa Senhora e Rui Barbosa, já convocando a atenção para a não linearidade de seus versos. Comparecem ainda Judas, Noé e Princesa Isabel em um permanente jogo de referências excêntricas. Limeira chama o ouvinte para o universo lúdico do impossível, que se faz possível apenas através da linguagem artística.

Totonho navega por uma linguagem de invenção, de experimentação com a palavra e com os ritmos



Foto: Natália Di Lorenzo/Divulgação

Em “O coco vai começar”, Totonho parece reativar um processo semelhante, o autor aposta na carnavalização, na doidice como método. A composição cria um espaço em que Jerusalém e Juazeiro se avizinham. O tempo também se condensa e a crucificação de Jesus dialoga com os objetos da modernidade. O caráter transgressor da letra já se mostra nos primeiros versos em que, na Sexta-Feira da Paixão — que na tradição cristã é um momento de silêncio, recolhimento e reflexão —, há uma *rave*, uma festa no espaço em que Jesus foi crucificado. O trem erradio que transpassa a canção vê a travessia entre Juazeiro e Cafarnaum. Esta última surge aqui como mais um ícone das sobreposições entre o Nordeste brasileiro e o Oriente Médio, uma vez que, além de ser uma referência bíblica, também dá nome a uma cidade baiana, assim como Juazeiro.

Canções de Totonho provocam, instigam, não se enquadram em rótulos, afastam-se da pasteurização mercadológica

Já na última parte da canção, surgem referências ao cinema, à Paraíba e ao Recife, em um jogo que inicialmente parece se desligar do discurso inicial. Porém, o “galo” vem coser os sentidos que religam as aproximações insuspeitas entre os tempos e os espaços. Na história bíblica, o galo cantou três vezes antes de Pedro negar Cristo, enquanto na canção, o eu lírico escuta o canto do Galo da Madrugada, o convite à festa, à brincadeira, ao Carnaval. No fim, Escurinho surge como mais uma personagem dessa miscelânea e grita a frase que se repete no refrão, aquilo que mais interessa: “O coco vai começar / o coco já começou”.

As canções de Totonho provocam, instigam, não se enquadram em rótulos, afastam-se da pasteurização mercadológica. O autor navega por uma linguagem de invenção, de experimentação com a palavra e com os ritmos. A inteligência das letras do paraibano vibra através do *beat* eletrônico e do coro do pandeiro. No espaço da sua obra, o corpo não entra como mero suporte do espírito; antes, é parte sensível e indissociável da apreciação musical. O coco de Totonho tem a força da ancestralidade, de quem sabe dialogar com a tradição e tem as antenas sintonizadas nas questões do agora.

Jon Moreira, natural de João Pessoa, é escritor, professor e doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 2015, publicou o livro de poemas ‘Anjo Diluidor’, pela editora Patuá. É pesquisador nas áreas de literatura e canção.



Ilustrações: Bruno Chiassi

A provável morte de dona Carmen

Pequeno e intrigante caso ocorrido nos tempos dos coronéis, em três capítulos emocionantes e num epílogo estarrecedor

Luiz Augusto Paiva

Especial para o *Correio das Artes*

I

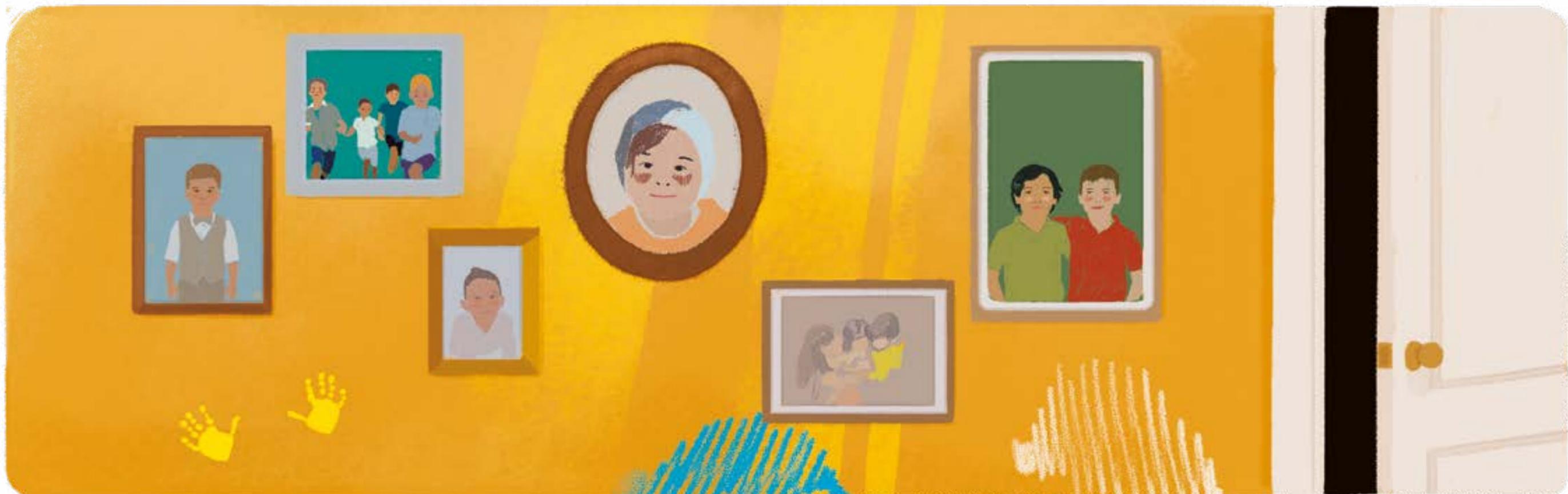
Algumas vizinhas bisbilho-teiras estavam de sentinela para espreitar o namoro de Carminha com Juca, filho do coronel Belarmino; este, dono de sei lá quantos alqueires de terra, sendo metade plantada com café e a outra com capim braquiária para encher a barriga de mais de mil cabeças de gado postas a pasto para engorda.

Diziam as fuxiqueiras, que aquele chamego estava uma esculhambação danada. Todo mundo via que “aquela uma”, qualquer hora dessas ia pegar

bucho. E não é que pegou? Tiveram que ajeitar (ou improvisar) um casório antes que a barriga de Carminha denunciase as indecências que ela e Juca praticavam quando namoravam. Não escondiam local para ligarem o botãozinho dos desejos no “modo safadeza”. Podia ser na varanda da casa dela, nos bancos da pra- cinha, durante as apresenta- ções que ocorriam no Theatro Paratodos e se as beatas dessem moleza, até nas missas do padre Celestino. Carminha era cheia das quenturas e Juca não deixava por menos.

Casaram. Pouco tempo depois, Coronel Belarmino foi prestar suas contas com o Homem lá de cima. Juca era filho único. Herdou a fazenda do pai, só que além de ser um atleta de alcova (estamos falando de Juca e não do pai) e especialista nas mais ousadas sem-vergonhices, nosso coronelzinho mostrou que entendia do riscado no mundo rural.

Na mão dele, a propriedade foi de vento em popa e nunca deu prejuízo. A partir de então, se tornou o Coronel Juquinha.



II

Isso é só o começo da história, o melhor da fofoca, se me permitem, vai estar nas linhas seguintes. Pois não pensem que durante a primeira prenhez aqueles dois apagaram o facho. Até 10 dias antes de aparecer o primeiro dos 12 cabritinhos que tiveram, aquela dupla guerreira não abandonou a batalha, se é que estão me entendendo.

Agora vamos à aritmética. Doze gravidezes, número que multiplicado por nove (que são os meses de gestação) resulta 108. Supondo que entre um parto e aquele mágico momento da próxima fecundação tenha ocorrido um intervalo de três meses. Registre-se que nesses intervalos Carminha e Juca não davam folga às suas indecências, e nunca a barriga de Carminha foi empecilho para aquela luxúria toda. É

bom que saibam, a iniciativa era sempre dela. Voltando aos cálculos: seriam 11 intervalos. Onze vezes três resulta 33, que somados aos cento e oito vamos ter 141. Portanto, Carminha esteve cumprindo a solicitação divina de “crescei-vos e multiplicai-vos por 141 meses. Vamos transformar isso em anos? Basta dividirmos por 12. Resulta 11 vírgula 75, o que representa exatos 11 anos e nove meses. Entenderam? Carminha ficou com menino no bucho por aproximadamente 4.330 dias. Pode uma coisa dessas?

Agora, aos meninos: primeiro bacuri foi o Edson, segundo o Jeferson, terceiro o Anderson, quarto o Alisson, quinto o Liedson, sexto o Edmilson, sétimo o Deivison, oitavo o Jackson, nono o Wilson, décimo Nilson, décimo primeiro o Ederson. Até que Carminha resolveu parar com esses nomes terminados em “son”.

— Sabe, Juca, daqui pra frente não quero mais nome terminado desse jeito.

— Mas foi a promessa que fizemos a São Raimundo Nonato, Carminha. Para tudo correr bem nos seus partos. Não é ele que protege as mulheres que vão dar à luz?

— Mas não tá dando certo, só nasce menino. Queria tanto uma menina... Se quem está vindo agora for menino vai se chamar Tuesday, vi no calendário e achei mimoso.

— E se for menina?

— O nome?

— Sim.

— Gostei de May, também vi na folhinha.

— Quebrar a promessa não dá certo, Carminha.

III

E não deu. Então, veio gravidez difícil. Não se quebra promessa feita a um santo tão poderoso como São Raimun-

do Nonato. Enjoos que não aconteceram nem na primeira vez. Hemorragias que quase a fizeram perder a criança Na “hora H”, as contrações vieram bravas. Coronel Juquinha todo apavorado, andando pela sala de um lado para outro, esbaforido esperando o desenrolar dos fatos. A parteira, Sinhá Celeste, era competente e já pusera ao mundo toda a prole daquela família. Mas daquela vez não estava fácil. Ela, mais a vizinha Leontina, que veio para ajudar Sinhá Celeste estavam no quarto, trancadas com Carminha e nada da criaturinha aparecer.

Começou a ficar preocupado, temente a Deus como era. Nosso coronel Juquinha tratou de se entregar às orações. As horas passavam. Ouvia-se gritos de dor de Carminha... até que se abriu aquela porta e se ouviu choro de menino novo. Sinhá Celeste veio chamar o pai. Que alívio quando

Juca viu aquele bezerrinho todo lambuzado grudado nos peitos da mãe.

— Um menino — disse ela — acho que veio com mais de quatro quilos. Mas quero alertar a vocês dois, dona Carmem não pode engravidar mais. Quase a perdemos dessa vez, ela e o menino. Ela pode morrer. As chances de dar tudo errado são muito grandes.

E ainda perguntou.

— Vocês entenderam? Doze filhos não está bom? Mais um e a senhora pode morrer. Está claro, dona Carmem?

Ela, exausta, teve força para dizer:

— Sim, dona Celeste.

— E o senhor, coronel?

— De acordo, sinhá.

Foi assim que Tuesday veio para encerrar aquela fileira, sem que surgisse ao menos uma maricotinha para encher de graça aquela casa cheia de machos. Passaram-se alguns meses até que...

Epílogo

O problema era aquela fervura que não acabava. Nem nela, nem nele. Para evitar tentações começaram a dormir em quartos separados. Foi quando numa noite chuvosa, fria, madrugada chegando e dona Carmem de lareira acesa. Não essas que vocês conhecem, mas uma que havia dentro dela e que não havia perigo de morte que cessasse aquele fogo todo.

Juca em sono pesado de quem lida na roça. Bateram em sua porta.

— Sou eu, Juca.

— O que é, mulher?

— Tô pensando em morrer.

Luiz Augusto Paiva é escritor com livros publicados de contos, crônicas e uma novela. Atualmente, ele é presidente a União Brasileira de Escritores — seccional da Paraíba (UBE-PB). Natural de Campos do Jordão (SP), reside em João Pessoa (PB).



Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Convivência

crítica

André Ricardo Aguiar, o poeta



Imagem: Divulgação/Confraria do Vento



Uma visão de conjunto da dicção lírica do autor paraibano se torna mais acessível na coletânea

Detenho-me agora apenas sobre o poeta, passando ao largo do André Ricardo Aguiar (1969), cronista, contista, antologista, editor e autor de literatura infantil, com uma das produções literárias mais representativas da Paraíba, ao longo do seu processo histórico.

Vejo-me diante de seus poemas selecionados, entre publicados e inéditos, nesta reunião a que intitula de *Mudar é Enigma Só para Plantas*, em edição da Confraria do Vento, de 2025.

Penso que o poeta faz bem em assim proceder. Organizada a coleta, torna-se mais acessível, para o leitor, uma visão de conjunto de sua dicção lírica e a possibilidade de um olhar mais justo acerca de seus procedimentos retóricos e das suas escolhas temáticas.

De outra parte, temos a oportunidade de reler muitos de seus textos poéticos extraídos de *A Flor em Construção* (1992), *Alvenaria* (1997), *A Idade das Chuvas* (2012) e *Da Existência Enquanto Gato* (2020), numa espécie de reencontro com a sua expressão poética, em tudo marcada por um viés construtivista que o torna um lógico-matemático mais que um mágico-delirante. Um poeta da construção mais do que da expressão, uma voz mais racional do que intuitiva, sem que tais classificações impliquem numa ordem de valores.

Também nos importa muito o fato de que nos concede o contato com sua produção mais recente, e que, pela já maturada experiência com os artefatos da linguagem, aparece revestida de seus mais refinados instrumentos for-

mais e de uma concepção de mundo extremamente delicada, complexa e sugestiva, a contemplar o dado concreto e as latitudes abstratas.

São mais de três décadas no exercício silencioso e paciente com os ditames do verso. Tempo suficiente, portanto, para testar o desempenho técnico, apurar o labor com os vocábulos, pensar os nutrientes da fenomenologia poética e refletir sobre seus achados, descobertas e revelações.

Selecionados e reunidos nesse título fraseológico e versístico, seus poemas ostentam, em primeira mão, atributos formais que oscilam entre a limpidez da palavra e o vigor do pensamento, entre as raízes orgânicas das coisas e a suas ressonâncias metafísicas, entre o que é e o que está posto e as zonas ambivalentes do imponderável.

Medito sobre isto, principalmente quando me atenho a um poema como *Média*, onde o trivial não consegue elidir a sutileza da componente trágica, transformando um simples dado ordinário numa experiência extraordinária e simbólica. Leiamos o poema:

*Também faço poemas dentro de cafés
arrisco o grão arisco
dessa coisa que não decide, quente ou frio
modos de achar a realidade mais solúvel
enquanto paisagens de rostos
e o burburinho dos cardápios
insistem em mexer
a invisível colherzinha
que me dissolve
na vida.*

Foto: Leonardo Aífel

Aqui e em outras ocasiões, o tema da poesia, o motivo do poema, associados a alheias referências do universo circundante, demarca uma das preocupações recorrentes do autor na elaboração de sua obra. Percebo a mesma vertente temática, tocada, sobretudo, pelo percurso metalinguístico, em poemas como *Ode à minha caneta azul*, *Isto*, *O poema não rende trocados* e *Poética*.

Mas existem outras vias semânticas no itinerário lírico de André Ricardo Aguiar. André também se mostra poeta da leitura, voz que dialoga com seus pares especiais, leitor de fino faro a trazer, à cena da escrita, enunciações inesperadas que só elastecem a esfera do poético. No poema *Wisława encontra Emily Dickinson no céu*, tenho uma prova disso, senão vejamos:

Imagem: Divulgação/Confraria do Vento



*De repente, falaram em pedras
e o tom da conversa ficou mais leve.
Escutaram cometas em burburinho.
E continuaram no chá das cinco
enquanto Deus mantinha o ócio em dia.
Depois de algumas anedotas
cada uma tomou o rumo
do seu inferno particular.*

Versos presentes na obra abrem a percepção para uma poesia inteiramente acabada, na medida em que o trato da palavra converte o fluxo das emoções individuais na materialidade da forma estética

*Os dias são curtos, os dias são pequenos engastes
na pedra, os dias são caminhadas sem rumo na neve
os dias são a conta que não bate
os dias são joalherias roubadas
os dias são os vômitos das noites
os dias estão custando os olhos da cara
e os sísifos das pedras
os dias brincam de pular calendários
todos os dias.*

A fluidez irônica desse poema retoma a maneira esquiada e oblíqua das poetisas examinadas. Serve para nos alertar para o fato de que há alguma coisa da polonesa e da norte-americana na sutileza da linguagem do poeta paraibano. Como há alguma coisa de João Cabral de Melo

Neto, de Carlos Drummond de Andrade e de Sérgio de Castro Pinto. Só para referir nomes que se aproximam de um mesmo clã estético, caracterizado pela objetividade do lirismo.

Nesta mesma linhagem devo citar também o poema *Walser*, com seus dispositi-

vos anafóricos e reiterados a cada verso, além de seu processo metafórico em expansão, típico da performance cabralina, que André Ricardo Aguiar absorve, assimila e reformula no ritmo interior de sua concepção estética. Vale a pena transcrever o texto:

A veia lúdica e minimalista, com sutil apelo ao nonsense, deixar-se explorar num poema como *Meninice*, de intensas ressonâncias significativas:

*Brinco com a torneira:
— E se a água que sai é um
afluente de um rio que fugiu?*

Esses e outros exemplos que recorto, lida e relida esta coletânea, abrem-me a percepção para uma poesia inteiramente acabada, na medida em que o trato da palavra converte o fluxo das emoções individuais na materialidade da forma estética.

André Ricardo Aguiar, entre os companheiros de sua geração, em especial, um Antônio Mariano, um Linaldo Guedes, um Abraão Costa Andrade, parece o mais afeito ao rigor das estruturas. Também o que mais ousa no sentido de inocular, na paisagem do poema, a luz intuitiva dos impactos semânticos mais originais.

Se a poesia pode nos transportar para dentro do elemento mágico das coisas, e se o poema que a captura e a revela, faz das palavras uma espécie de lúcida alquimia, André Ricardo Aguiar, com esse *Mudar é Enigma Só para Plantas*, subscreve, livre e abertamente, a verdade e a beleza destes postulados. Canta a arte e canta a vida, nos seus desdobramentos sutis, inesperados e surpreendentes.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor de diversas obras no campo da poesia, crítica, crônica e ensaio. Mora em João Pessoa (PB).

Vidas implodidas

Bem vês que os tempos tardios
envergam a consciência dos ímpios,
vês também que as pessoas de brio
sofreram as mazelas do mundo em martírio.

Algo neste mundo mudou?
ou será que foi constatado
que ele sempre assim findou?

Será que dou a devida esperança
Aos tempos de bonança
que na lembrança
cálida se eternizou?

Vejo que o tempo desnudou-se no ébrio da vida
parida, por uma donzela que nem se casou.
De guerras e horror aguerrida
assintomáticos de vida,
pelejam tirar a vida
daqueles que não amou.

E a guerra se faz de tolos
e de tantos desconsolos,
Inóculos, que introduzem na vida
as dores partidas
daqueles que não conduz.

E a esperança bêbada, já enferma!
Agonizante...
reproduz o lamúrio em som e poeira
e neste cenário horripilante
passa a vida de frente
cadente
e em um estrondo
vê-se
pedaços de gente inocente.

Vidas implodidas por mercenários
totalitários,
por mão diligente
que no peito horror latente
a essência da vida
já se apagou
indubitavelmente.

Lua em flor

Rosa cativa
Flor aturdida
No teu desabrochar nativa
Aos movimentos do mar ...

Maré,
Lua em flor
entre fases
ou quatro formas de amor.

Ora agitada, ora calma,
feito anseios de minh'alma...

Lua, que me faz tua.
Nua, e em nada me diminua.
Crua, que insinua
E os desejos em flores tatua,
a lua na tua rua
desejos a me iluminar.

Ilha

Sou ilha
de um amontoado de coisas,
talvez seja a filha
emergindo de águas profundas
de velhos amores.

E no caminho vazia permaneço,
andarilha.
de coisas idas
Como uma desconhecida em meu próprio peito.

Sou o grão que escorre entre os dedos e esvai
do íntimo ardente que se contrai,
Sou fugacidade e barreira
de uma vida infeliz feiticeira.

Sou ilha de mim
Cercada por palavras não ditas,
Amores não vividos
e sentidos findos para coisas pequenas.

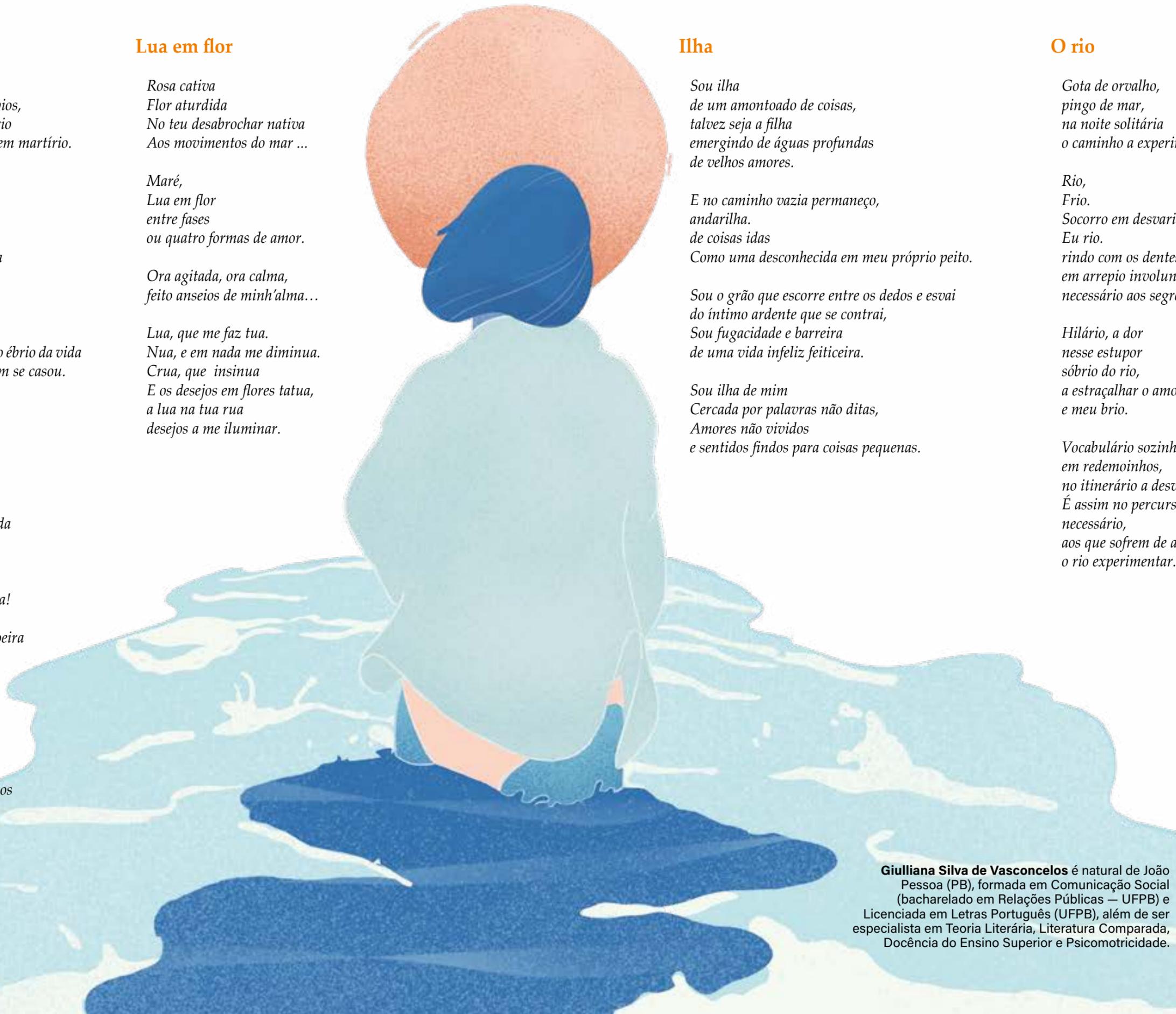
O rio

Gota de orvalho,
pingo de mar,
na noite solitária
o caminho a experimentar.

Rio,
Frio.
Socorro em desvario.
Eu rio.
rindo com os dentes
em arrepijo involuntário
necessário aos segredos calar.

Hilário, a dor
nesse estupor
sóbrio do rio,
a estraçalhar o amor
e meu brio.

Vocabulário sozinho
em redemoinhos,
no itinerário a desviar.
É assim no percurso o cenário
necessário,
aos que sofrem de amor
o rio experimentar.





Rodrigo Bettencourt da Câmara

Bruna Lobo

Especial para o Correio das Artes

Influenciado pelo conceito teatral da “quarta parede”, Rodrigo Bettencourt da Câmara mostra em fotografias, um plano teatral existente nos processos de montagem e desmontagem de exposições em museus da Europa. As vedetes das cenas, obras de Andy Warhol, Frank Stella ou Peter Kogler estão sendo descarregadas, empacotadas ou encostadas às paredes, ladeadas por escadas, andaimes e ferramentas.

As películas com longa exposição de Bettencourt preservam a atmosfera teatral que antecede ou sucede a apresentação públi-

ca das obras. Ao mostrar esta intimidade do museu, o fotógrafo quebra a parede entre o público e as grandes exposições de arte. Brincando com os estatutos da arte, revela uma crítica velada em imagens carregadas de expressividade artística, jogo e sentido de identificação com o público.

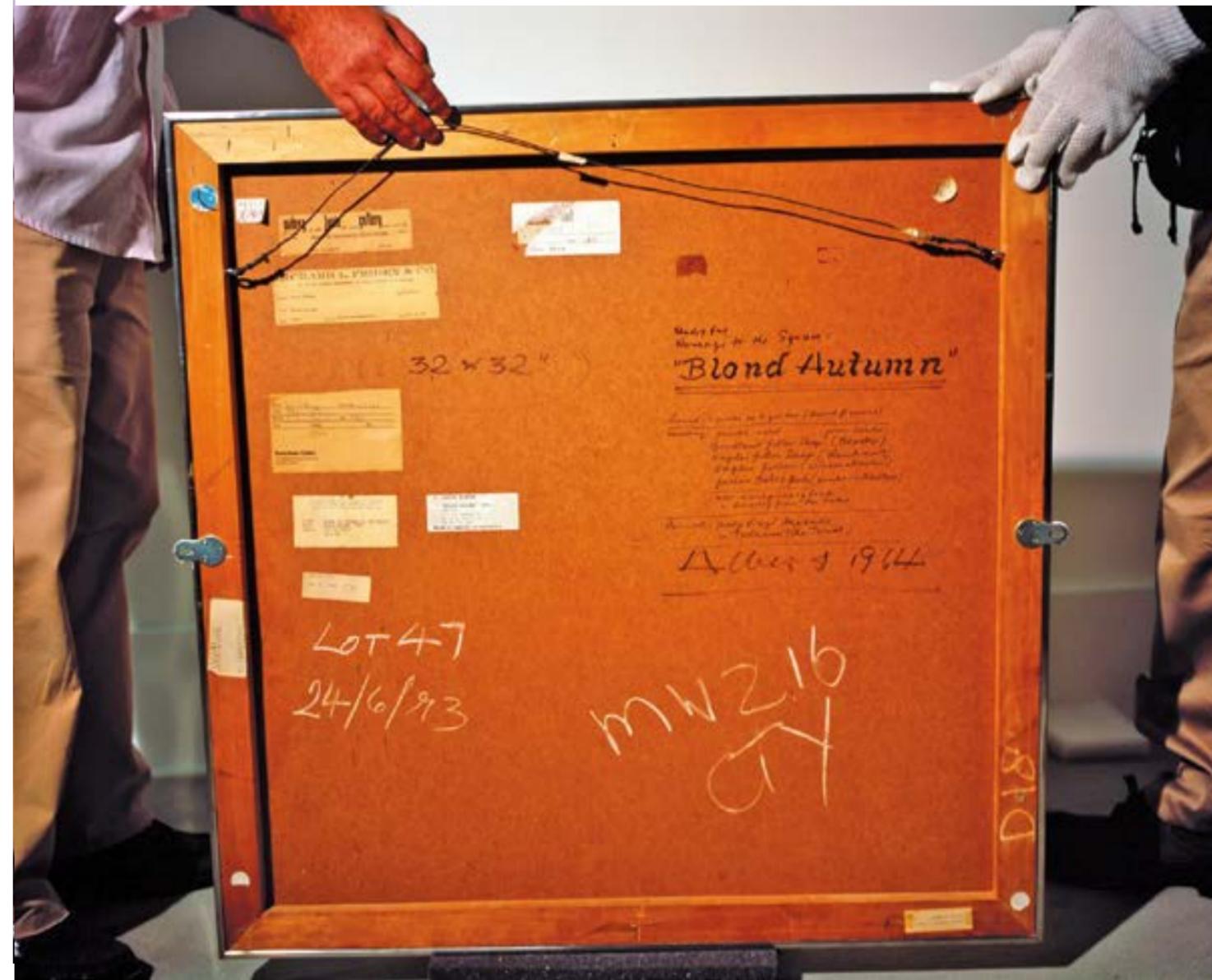
A Quarta Parede, do português Rodrigo Bettencourt da Câmara será apresentada ao público paraibano pela primeira vez em setembro, no Museu de Arte Popular da Paraíba, também conhecido como Museu dos Três Pandeiros, em Campina Grande.













Rodrigo Bettencourt da Câmara (Lisboa, 1969) é fotógrafo, pintor e desenhista e atua predominantemente em restauro e conservação. Possui um extenso currículo com formações nessas áreas e em Arte Multimídia. Desde a década de 1990, tem produzido exposições de pintura e fotografia, além de ser o conservador responsável por coleções de arte em museus e galerias. Também administra a Art Dispersion e mantém ateliê em Lisboa.



João Batista de Brito
brito.joaobatista@gmail.com

Imagens

amadas



Anjos

De tempos e nacionalidades diferentes, três produções cinematográficas sobre o tema, cada um refletindo o espírito das suas respectivas décadas

Literalmente no mundo imaterial dos anjos, o ator Bruno Ganz interpreta a criatura celestial Damiel na produção franco-alemã "Asas do Desejo" (1987), longa-metragem dirigido por Wim Wenders



Se não antes, desde os tempos de Santo Agostinho a angelologia — estudo dos anjos — tem despertado interesse entre os estudiosos das ciências da religião.

Aqui pretendo chamar a atenção para a presença desses seres celestiais no cinema, com concentração em três filmes do século 20, emblemáticos de suas respectivas décadas: 40, 60 e 80. Por que estas escolhas? Porque são filmes destacados pela originalidade, qualidade e repercussão.

Da década de 1940, eu penso em *A Felicidade Não Se Compra* (*It's a Wonderful Life*, 1946), do cineasta norte-americano Frank Capra. Dos anos 1960, eu escolho *Teorema* (1968), do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini. E, finalmente, da década de 1980, destaco *Asas do Desejo* (*Der Himmel über Berlin*, 1987), do diretor alemão Wim Wenders.



Henry Travers (à esq.) encarna um anjo e James Stewart (à dir.) é um homem sem perspectivas no clássico de Frank Capra, "A Felicidade Não Se Compra" (1946)

Em *A Felicidade Não Se Compra*, um anjo desce do céu com um propósito bem explícito: salvar do suicídio um cidadão financeiramente falido. George Bailey é um ser humano do bem, um pai de família trabalhador e honesto, mas as circunstâncias estão levando-o ao gesto drástico. Na figura de um velhinho engraçado, o anjo Clarence lhe aparece na "hora H" e o salva, mas não com facilidade. Para tanto, Clarence precisa operar a mágica de engendrar um mundo paralelo em que George Bailey não teria existido, e portanto, não teria ajudado as muitas pessoas que ajudou. Depois de sofrer nesse "pesadelo" de um mundo sem ele, George volta ao real, e dá-se conta da beleza que é a vida do homem comum, e de como vale a pena viver, com ou sem dívidas.

Se o anjo de Capra é um anjo do bem, talvez o mesmo não possa ser dito do anjo de Pasolini. Este veio não se sabe de onde para pôr em crise os membros de uma família abastada. A relação com cada um dos membros dessa família — pai, mãe, filho, filha e empregada — é carnal, ou seja, ele faz sexo com cada um e, nesse contato, radicalmente os transforma. Depois desse contato, e do desaparecimento do "anjo", a família se esfacela e ninguém será mais o mesmo. Qual o destino de cada um ninguém sabe, muito menos o motivo da transformação. A empregada levita, e o patrão capitalista se perde num deserto sem fim, e ao espectador não se concede a chave do mistério, levando-o a interpretações as mais diversas, quem sabe, de ordem ideológico, política ou existencial.



Duas cenas de "Teorema" (1968), de Pasolini: filme abre para as interpretações das mais diversas, seja da ordem ideológica, política ou existencial

Ao contrário dos dois filmes anteriores, o cenário em *Asas do Desejo* não é terráqueo: estamos literalmente no mundo imaterial dos anjos. Como anuncia o título original do filme, estamos, não em Berlim, mas no "céu sobre Berlim". Outra coisa, agora não se trata mais de um anjo, mas de vários anjos que,

de lá de cima, nos espiam, e conjeturam sobre a materialidade da vida dos humanos e o nosso destino de sofrendores mortais. Amor, medo, ódio e desejo são fenômenos observados lá de cima, sem muita compreensão dos que seriam esses sentimentos, ou outros quaisquer. De tanto observá-la, um dos anjos se apaixo-

Falando de modo simples, poderia se dizer que esses três filmes têm, respectivamente: o otimismo dos anos 1940, a inquietação dos 1960, e a pós-moderna busca de conciliação dos 1980

na por uma moça e alimenta o sonho de humanizar-se e vir viver na terra a vida dos humanos. Seria isso possível? A rigor, o filme constitui

uma longa e profunda reflexão sobre a precária condição humana, ilustrada pelo seu avesso: a ideal dimensão metafísica dos anjos.

São três filmes com anjos, mas, como se vê, bem diferentes entre si, cada um refletindo o espírito de suas respectivas décadas, cada uma separada da outra, simetricamente, por 20 anos.

Falando de modo simples, poderia se dizer que esses três filmes têm, respectivamente: o otimismo dos anos 1940, a inquietação dos 1960, e a pós-moderna busca de conciliação dos 1980. Cada um com seu lugar próprio: os Estados Unidos do pós-guerra, a Europa do 68 e dos *hippies*, e por fim, a Europa pós-tudo. São

propostas particulares e originais, mas as três concebidas, curiosamente, a partir de um ponto diegético comum: o da possibilidade de comunicação/relação efetiva entre anjos e humanos.

Revê-los nesse confronto, seria talvez uma boa estratégia para entender o turbilhão que foi o século 20. E, de sobra, constatar o tanto que o cinema reflete a condição humana e suas circunstâncias. As sociais, as políticas, as existenciais...

Enfim, fica feita a anotação.

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Autor de obras como 'Imagens Amadas' (Editora Ateliê, São Paulo, 1995). Mora em João Pessoa (PB).

"Asas do Desejo" constitui uma longa e profunda reflexão sobre a precária condição humana, ilustrada pelo seu avesso: a ideal dimensão metafísica dos anjos



Foto: Reprodução/Road Movies/Argos/WDR

Resenha

Foto: Leonardo Ariel

Ler Sérgio de Castro Pinto

Fátima Barros
Especial para o *Correio das Artes*

Ler Sérgio de Castro Pinto é apreender o signo linguístico em seus múltiplos aspectos, ora como portador de significado, ora como objeto visual ou acústico. Em *Brando Fogo das Palavras* (Pautá, 2024), mais uma vez o poeta nos incita a abarcar as múltiplas facetas de sua engenhosa expressão escrita.

O livro, cujo título é um verso do poema *escrever / não escrever*, citado como epígrafe, tem capa e ilustrações de Flávio Tavares e traz poemas dispostos em quatro seções temáticas:

"Tributos", "Circunstâncias & desabafos", "Viventes" e "A minha fala dos bichos".

"Tributos", como o nome sugere, abarca poemas de cunho intertextual, que aludem a autores portugueses (Eugénio de Andrade, Camões, Fernando Pessoa) e brasileiros (Olavo Bilac, Ferreira Gullar), além da poetisa norte-americana Gertrude Stein e do poeta inglês William Blake. O poema que inicia a seção intitula-se *comunhão*, numa clara referência à tradição literária, fonte de inspiração e (re)criação, legado com que os escritores comungam, pois "livros são pães / eucarísticos / crocantes".

No poema *camões*, em que ecoa o segundo verso de *Os Lusíadas* ("Que da ocidental

praia Lusitana"), atribui-se a temática náutica do escritor português ao sinal gráfico em seu nome, no qual se inscrevem as ondas das praias de Portugal: "no ~ do teu nome / a lembrança / do encapelado / mar / da ocidental praia lusitana". Segundo Sérgio, o destino literário de Camões seria, portanto, inerente ao til, cuja sinuosidade indicaria sua vocação para compor uma epopeia marítima.

"Circunstâncias e desabafos" reúne poemas sobre a finitude da vida (*arte & vida, outono, cremação I, cremação II, casa dos 70, viuvez*), a lembrança (*bagagem, ouvindo imagens, de mi juventud, moça antiga, o meu primeiro automóvel*) e outros temas.



Foto: Leonardo Ariel

estabelece um contraponto com a leveza da anterior e lhe realça o caráter irônico: “tanto que acordava / a preta velha / noite adentro / para fazer-lhe café”. Preta é a mulher, sombria é a velhice, escura é a noite, negro é o café. A seguir, a repetição da palavra “café” em uma coluna, imprime uma abordagem concretista ao poema em que se escuta a ordem dada à negra em voz alta, se testemunha sua constante submissão, se vê a mulher de pé no meio da noite, o coador de café em sua mão, o café ao ser passado e a caneca de café: “E para fazer-lhe café / café / café / café”.

De tanto preparar e servir café, diz o poema que “a preta velha / passou a ser / uma garrafa térmica. // uma garrafa térmica *avant la lettre*”. Essa expressão em francês (prefiguração do que aparecerá posteriormente) e a associação visual entre a negra de pé e a garrafa remetem o leitor ao concretismo dos versos anteriores onde se pode, então, perceber a verticalidade da garrafa térmica que não existia ainda nem mesmo no poema. Sérgio denuncia, portanto, a coisificação dessa mulher, considerada um simples objeto, reduzida à condição de servir, ignorada como pessoa.

Na seção “A minha fala dos bichos”, o poeta nos surpreende com um humor sutil, fruto de jogos de linguagem em torno do significado do signo linguístico e de características sensoriais ou intrínsecas do objeto representado. A cigarra, a preguiça, o jaguar, o grilo e o bem-te-vi são descritos com criatividade e perspicácia graças à maestria de Sérgio ao explorar nuances semânticas, visuais e sonoras das palavras.

Obra traz poemas dispostos em quatro seções temáticas: “Tributos”, “Circunstâncias & desabafos”, “Viventes” e “A minha fala dos bichos”

Em *instantâneo*, que integra essa seção, experimenta-se a valorização da palavra como objeto e som: os significantes *desarvorada* e *árvore* se entrelaçam, portanto, do ponto de vista imagético e acústico. Embora o adjetivo signifique “descontrolada”, o poema lhe atribui uma conotação semântica segundo o contexto linguístico: “expulsa da árvore” (des + arvorada). Após um tiro, “uma nuvem negra / de pássaros / desarvorada / chispa da árvore”. Assustadas, sem esteio, as aves partem em alvoroço “qual estilhaços de balas”. Resgata-se, assim, um tanto da origem etimológica do vocábulo “desarvorada”: des — “retirar, tirar fora” e arvorar — “pôr a prumo, levantar como uma árvore”.

A seção “Viventes” agrupa poemas que descrevem profis-

sionais de áreas diversas (um fotógrafo, um pintor de paredes, um electricista) e provavelmente uma escravizada.

O poema *relações humanas* narra a labuta de uma negra idosa que se lembra à noite para preparar e servir café. Como o poeta afirma que “naquela época / ainda não existia / garrafa térmica” (utensílio inventado em 1892 e comercializado em 1904), creio que se descreve uma escravizada ou uma serviçal vítima de extrema opressão.

Nota-se claramente o tom irônico do eu lírico ao nomear o poema *relações humanas*, e não *desumanas*, e ao justificar que a mulher não tem direito de repousar simplesmente porque não existem garrafas térmicas. O tom pesado e sombrio da segunda estrofe

No poema *bem-te-vi*, por exemplo, o pássaro que traz no nome a alegria de um encontro e cujo canto repetitivo parece reiterar o bem-querer, é descrito como adulator. Sérgio, ao mesmo tempo, parece dialogar com Quintana: “Todos esses que aí estão / Atravancando meu caminho, / Eles passarão... / Eu passarinho!”. Ambos discutem dois aspectos ne-

gativos das relações humanas: a maldade e a adulação. Em *Poeminho do Contra*, o neologismo “passarinho” alude à postura do poeta que, diante das adversidades, guarda a leveza de um pássaro. Já o eu lírico de *bem-te-vi* revela um certo rancor e se aborrece com o passarinho que é incitado a partir: “adulator / não passarás / xô”. Nessa interjeição, reside o hu-

mor: o bem-te-vi, à revelia do poeta, pousa no poema, não como palavra que uma borraça apaga, mas como pássaro que se afugenta.

Em *a cigarra*, o poeta aborda o signo, sobretudo, do ponto de vista sonoro, afinal a esse inseto se associa de imediato o canto: “cheia de si / a sina / da cigarra // é explodir”. As aliterações em “si”, “sina”, “cigarra” reproduzem o som característico do macho que, ao migrar das entranhas do solo para as árvores, perde sua carapaça e se põe a cantar “si... si... si... si...” para atrair a fêmea. O poema espelha a concepção popular de que as cigarras explodem, mas atribui seu arrebetamento à soberba, e não a seu chilrear excessivo. A metáfora “cheia de si” alude à imagem da cigarra (referencial do signo linguístico), cujo abdômen aumenta de volume durante o canto como alguém que, por empáfia, estufa o peito. Ao mesmo tempo, Sérgio parece sugerir que o arrogante é responsável por seu próprio sofrimento.

Brando Fogo das Palavras finalmente propõe um panorama da poética de Sérgio de Castro Pinto em que se interlaçam campos semânticos, intertextos, traços concretistas, figuras de linguagem, versos brancos e rimas. Poemas que discutem a fugacidade da existência, visitam a tradição literária, revelam o ser humano, descrevem a flora e fauna e nos transportam inebriados para o universo único e plural de sua poesia.

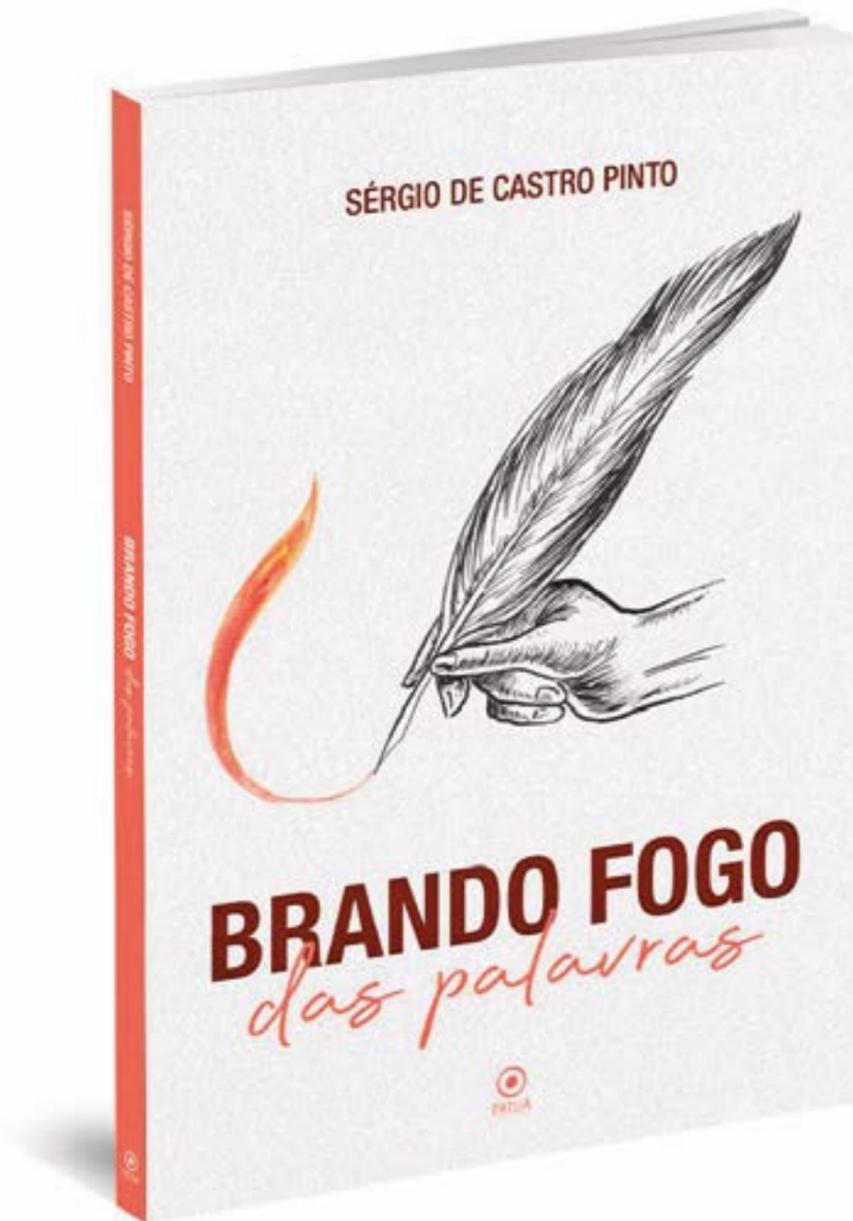


Imagem: Divulgação/Patua

Lançada no ano passado, coletânea do poeta paraibano incita a abarcar as múltiplas facetas da sua engenhosa expressão escrita

Fátima Barros é pernambucana, poeta e professora aposentada da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Publicou, entre outros livros de poesia, ‘Discurso das Águas’ (Manufatura, 2006) e ‘O Averso das Linhas’ (Arriabã, 2024).

“Quimeras do Agora”

Nova obra da autora paulistana Ana Rüsche propõe uma reflexão urgente sobre crise ambiental

Eduardo Augusto

Especial para o Correio das Artes

A autora e pesquisadora Ana Rüsche lança o livro *Quimeras do Agora: Literatura, Ecologia e Imaginação Política no Antropoceno*, uma obra que mergulha nas intersecções entre arte, política e crise climática. Publicado pela Editora Bandeirola, o título chega às livrarias e plataformas online em um momento de intensos debates sobre a justiça ambiental e o papel da cultura na transformação social.

Com uma abordagem multidisciplinar, Rüsche analisa como a literatura contemporânea tem respondido aos desafios do Antropoceno —

era geológica marcada pelo impacto irreversível da humanidade no planeta. A edição examina narrativas que tensionam as fronteiras entre ficção e realidade, propondo novas formas de imaginação política capazes de enfrentar colapsos ecológicos e desigualdades sociais.

“A literatura não é um refúgio, mas um espaço de confronto com as quimeras do nosso tempo: o mito do progresso infinito, a falácia do crescimento econômico dissociado da vida e a ilusão de um futuro sem rupturas”, reflete a autora, doutora em Teoria Literária e professora universitária.

O livro traz diálogos com pensadores como Bruno Latour, Donna Haraway e Ailton Krenak, além de explorar obras de escritores que tematizam distopias climáticas, resistências indígenas e ecologias radicais. A pesquisa destaca ainda como a arte pode reencantar a relação entre humanos e natureza, sugerindo caminhos para uma “política do cuidado” em tempos de crise planetária.

Conversamos com a escritora e pesquisadora paulistana que nos falou de literatura, ativismo ecológico e de possíveis caminhos para garantirmos um futuro.

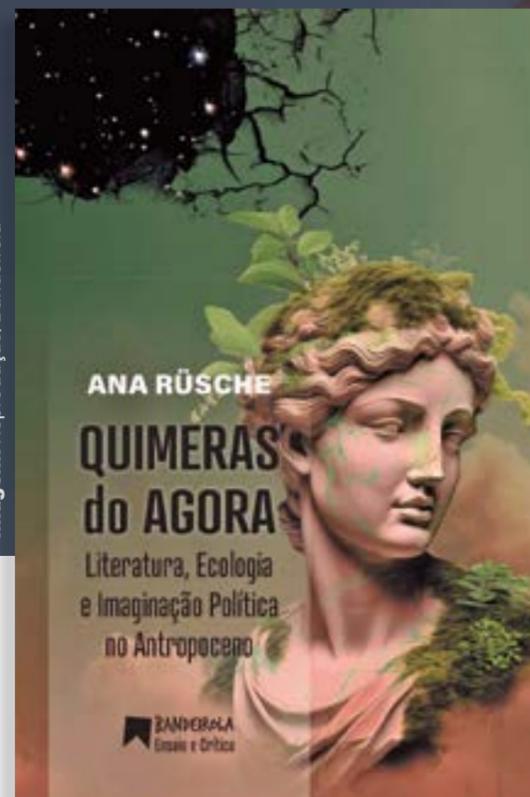


Imagem: Reprodução/Bandeirola

Título chega em um momento de intensos debates sobre a justiça ambiental e o papel da cultura na transformação social

■ No seu livro *Quimeras do Agora*, você discute a relação entre literatura e ecologia no Antropoceno. Como a literatura pode ajudar a repensar nossa relação com o meio ambiente em uma era de crise climática?

Creio que são de três maneiras. A primeira, a literatura concede uma escala para conseguirmos ter uma noção da envergadura da crise e de

sua extensão. A segunda, nos dá a chance de tocarmos no assunto, algo tão desafiador, considerando que as pessoas preferem ignorar o que ocorre, justamente por ser considerado um problema assustador, doloroso, fonte de muita angústia e ansiedade. Por fim, a arte concede ferramentas para refletirmos sobre como poderíamos agir, em especial lembrando da força comunitária.

■ O termo “Antropoceno” é central na sua obra. Como você define esse conceito e por que acha importante discuti-lo a partir da literatura?

“Antropoceno” é uma palavra que surgiu no início do século 21 para designar essa nova época, na qual a ação humana mudou a face do planeta, inclusive sua estrutura geológica, na qual ocorrem extinções maciças causadas por uma espécie (a nossa) e eventos climáticos extremos são mais comuns. É um momento assustador, pois tudo que conhecemos deve se alterar.

A palavra terminou sendo um consenso científico, um

Rüsche analisa como a literatura contemporânea tem respondido aos desafios do Antropoceno — era geológica marcada pelo impacto irreversível da humanidade no planeta



Foto: Reprodução/Rocco

termo que consegue estabelecer um diálogo entre diferentes áreas, da biologia à física, da economia à filosofia, evitando o desgastante processo de combater o negacionismo científico sobre a emergência climática.

A literatura pode auxiliar a ampliar esse panorama, oferecendo uma fabulação sobre a própria ideia de mudança, pois nunca vimos algo com essa magnitude. Consegue representar a perda e também a esperança em vivermos de uma maneira diferente, buscando outros valores.

■ **Quimeras do Agora sugere uma ideia de esperança ou ilusão em meio ao colapso ecológico. Como a ficção contemporânea lida com essa tensão entre utopia e distopia?**

As distopias, embora sejam necessárias por seu caráter didático, são muito populares, retratando catástrofes e situações extremas de forma eletrizante. Quem nunca parou para assistir algum filme sobre o final do mundo como o conhecemos? Entretanto, as distopias podem nos paralisar, nos deixar com muito temor ou com uma ideia de que “não há outro caminho possível”. Isso faz com que nossa imaginação política fique destreinada, trazendo uma sensação de resignação.

Assim, é relevante que as distopias sejam temperadas com sua contraparte, as utopias. As utopias, por sua vez, geralmente são frágeis, construídas em princípios que, muitas vezes, se esfacelam. Vamos imaginar, por exemplo, um mundo no qual todas as pessoas só se locomovem em bicicletas. Mas se pensarmos bem, muitas pessoas seriam prejudicadas nesse universo — pessoas em idade avançada, com problemas de locomoção, que precisam cru-



Foto: Arquivo Estádio Conteúdo

Contos de Clarice Lispector trazem constatações sobre nossas relações com plantas e animais não humanos

“A literatura, muitas vezes, é uma boa amiga da política, mas nem sempre as duas se confundem — claro que, em épocas de crise, como boas companheiras, não se afastam e vão de mãos dadas”

zar grandes distâncias ou vivem em climas muito chuvosos ou quentes, para trazer algumas críticas.

A graça desse movimento imaginativo é que uma utopia que seja desconstruída logo nos pede para que quem lê ou assiste um filme, pense junto as soluções, mesmo que sejam frágeis também. Assim, exercita-se esse mecanismo precioso do pensar.

■ **Quais autores ou obras literárias você considera fundamentais para entender as questões ecológicas no Antropoceno? Há algum livro que tenha sido especialmente inspirador para sua pesquisa?**

A graça dessa pesquisa é descobrir, entre obras muito conhecidas, referências para estudos ecológicos. Um bom exemplo são os contos de Clarice Lispector, *Amor e O búfalo*, muito estudados, que trazem constatações geniais sobre nossas relações com plantas e animais não humanos. O livro de crítica *Maquinação do Mundo*, sobre Drummond e a mineração, de José Miguel Wisnik, revisita a obra do poeta mineiro para mostrar como era crítico sobre a atividade extrativista. Em especial, gosto de ler as obras de Ursula Le Guin, como *Floresta é o Nome do Mundo* (tradução de Heci Regina Candiani), e meus contemporâneos, como Daniel Galera e Natalia Borges Poleoso.

Na filosofia, gosto muito das ideias de Donna Haraway e Timothy Morton, me auxiliam a pensar. No Brasil, as obras de não ficção de Antônio Bispo dos Santos, Ailton Krenak, Eliane Brum e Maria Esther Maciel, entre outras autorias, nos ajudam muito a entender essas questões espinhosas de imaginar mundos diferentes dos atuais.

■ **Como a Escrita Criativa e a crítica literária podem contribuir para o ativismo ambiental? Você vê a literatura como uma forma de ação política?**

A literatura, muitas vezes, é uma boa amiga da política, mas nem sempre as duas se confundem — claro que, em épocas de crise, como boas companheiras, não se afastam e vão de mãos dadas. Mas o fazer literário possui relações de outras naturezas, como deleitar, fazer refletir, representar, criar laços e formatar culturas e por aí vai. Por exemplo, em um mundo com pessoas tão exaustas, como o atual, fico inclusive pensando como a literatura pode nos oferecer descanso e um tempo para reflexão. Quando escre-

vi meu último romance, *Carga Viva*, por exemplo, procurei pensar muito nisso, um livro que tocasse em questões relevantes — as epidemias do HIV/Aids e Covid-19, assim como os rumos da democracia no Brasil, mas que fosse um livro gostoso de ler também.

■ **Em seu livro, você aborda a ideia de “temporalidades não humanas”. Como a literatura pode nos conectar com ritmos e existências que vão além da experiência humana?**

O tempo humano nas grandes cidades é ditado em função de uma produtividade quase do mundo das máquinas. Lembrar que há outras temporalidades possíveis e ritmos maiores

e mais profundos que os nossos é essencial. Um livro que retrata muito bem isso é o romance *A Trama das Árvores*, de Richard Powers (tradução de Carol Ben Simon), no qual o tempo de vida imenso de árvores gigantes, mais antigas que Jesus Cristo, por exemplo, sempre é contrastado com a nossa curta vida.

■ **Muitos debates sobre o Antropoceno são marcados por um tom de catastrofismo. A literatura pode oferecer caminhos alternativos, menos apocalípticos, para imaginar o futuro?**

Com certeza. Nem sempre é algo simples de ser feito, mas acho essencial. Imaginar cenários de resistência e esperança.

■ **Como a cultura brasileira e a produção literária nacional dialogam com as crises ambientais? Há particularidades na forma como o Brasil enfrenta (ou ignora) essas questões?**

As fronteiras do Brasil incluem biomas muito diferentes, talvez essa seja uma peculiaridade de nosso território, com uma biodiversidade impressionante — outros países com grande extensão no globo terrestre não possuem essa variedade.

Apesar dessa fortaleza, tudo é muito frágil. Regiões inteiras seguem sendo mastigadas pelo extrativismo mais raso, como a mineração, as *plantations* ou a ampliação de pastos. Assim, mostrar essas relações, inclusive entre outros países, e essa fragilidade é uma ótima tarefa da arte — algo já explorado na literatura latinoamericana, isso não é recente. Há um livro de contos muito bom, *Erva Brava*, de Paulliny Tort, no qual essas relações específicas entre cidade e plantação ficam bem nítidas, em especial, com a produção de soja.

Foto: Reprodução/Fósforo



“Erva Brava”, coletânea de contos de Paulliny Tort na qual relações específicas entre cidade e plantação ficam bem nítidas

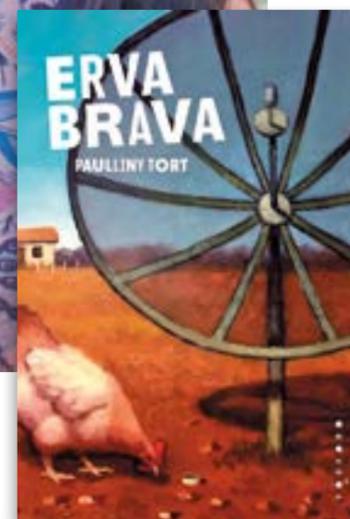


Imagem: Reprodução/Fósforo

■ Além da literatura, você vê outras formas de arte (cinema, artes visuais, performance) como importantes para a discussão ecológica? Poderia citar exemplos?

Acompanho mais a literatura, não saberia trazer exemplos nas outras artes. Mas é evidente que a obra do fotógrafo Sebastião Salgado ou do cineasta Gabriel Mascaro trazem questões ecológicas delineadas. A arte hoje parou para olhar esse tema, considerando toda a urgência.

■ Qual seria, na sua opinião, o papel do leitor comum diante das crises ambientais? Como sua pesquisa pode inspirar mudanças concretas na forma como as pessoas enxergam sua relação com a natureza?

O leitor é a pessoa-chave. A literatura é feita justamente para que seja lida. Quando escrevo uma obra de crítica como o *Quimeras do Agora*, penso muito que seja legível a um número grande de pessoas, embora seja focada em quem goste do tema. Publicar um livro assim é aumentar a quantidade de conversas sobre essa emergência, minimizar a ansiedade ampliando os laços sociais e fomentar a troca de ideias.

Afinal, o relevante é enfrentar o assunto. O melhor conselho é: se você não sabe por onde começar, converse, pergunte a seus amigos o que acham sobre a crise climática. E um livro pode ser uma boa desculpa para um começo de conversa.



Foto: Luiza Sigulem/Divulgação

Quando Ana Rüsche escreve uma obra de crítica como *Quimeras do Agora*, ela pensa muito que "seja legível a um número grande de pessoas, embora seja focada em quem goste do tema"

Eduardo Augusto é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e gerente operacional de produtos editoriais da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).

Poema de

José Edmilson Rodrigues

Parada de gato

Para Thélío Farias e Noaldo Ribeiro

O gato volumoso,
cremoso em pelos,
infla-se e cresce
como um bexiga
em tempo de festa
e esvazia-se por um toque
de um furo, esguichando
um som de miauuuu,
mas o gato mia
em palavras e sons,
letramentos felinos.
E mia,
mia, sim,
como certo,
ler-se, cara de mau...
O gato grosso em pelos,
uma fofura de poema
que reconecta-se
sem precisar de fios.
É o gato empanado,
empalhado
absolutamente imóvel
com os olhos arregalados.
E o gato não mia,
espelha-se no olhar dos outros.
Miauuu.

Diz o que crepita,
a marionete em mim:
palco, sem palhaço.

No xadrez da vida,
o medo, esse tabuleiro
de cartas: obscuro.

Nos simples jardins,
nas hastes do roseiral:
espinhos e flores.

Ainda não findou,
tecendo poema vivo,
mas falta um Haikai.

Falarei contigo,
e o perigo das palavras,
nunca confessáveis.



Ilustração: Bruno Chiossi

José Edmilson Rodrigues é paraibano de Campina Grande, poeta, ensaísta, advogado e funcionário público. Membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), autor de *'A Solidão dos Olhos e as Vertigens do Tempo'* (Mondrongo, 2018), *'A Poética do Ridículo - Cronicones & Ensaios'* (Mondrongo, 2019), *'Dueto de Manhãs'* (Mondrongo, 2022) e *'Ensaio de Tempo'* (Patuá, 2024).





Renálide Carvalho
rcmfabricio@gmail.com

■ ■ ■ Negros Riscos

Não fuja à vida, Poesia

Foto: Arquivo Editora Nos Raiz



Tradição secular presente no Grupo de Batucadeiras Nos Herança, na Cidade Velha, na Ilha de Santiago

Manifestações artísticas como a música, o cinema, o teatro, a pintura, as artes visuais, a dança e a poesia sempre desempenharam importante papel nas lutas históricas e sociais da humanidade, apesar de não terem formalmente essa obrigação e de não existirem compêndios que determinem às (aos) artistas ocuparem-se de questões socialmente relevantes, ou que as(os) obriguem a serem politizadas(os) ou revolucionárias(os).

Contudo, é frequente, nas aulas de teoria da arte, desde o ensino básico até o superior, nossas(os) mestras(es) tratem das querelas sobre a função social da arte e de quem a produz. No âmbito da literatura, por exemplo, há uma infinidade de escritoras(es) que

usam a palavra como arma, protesto, denúncia, crítica ao *status quo*, em suma, como ferramenta de ativismo político, o que também ocorre com as demais linguagens.

É muito comum, nos dias correntes, que jovens artistas se autoproclamem “artistas”, sobretudo pessoas periféricas, vítimas de discriminações de classe, raça, gênero ou outras quaisquer. Eu mesma me filio a essa ala antievasionista, que acredita numa arte inseparável das condições sócio-históricas e culturais da vida, numa arte que é espelho, reflexo do lugar onde pisamos, onde a vida cotidiana pulsa, ferve. Parto do pressuposto de que, em nossas obras, expressamos ideias, sentimentos, visões de mundo e desejos cultivados em nosso íntimo, mas que são forjados coletivamente, desde o meio em que estamos inseridas(os).

Aquelas(es) que propugnam a arte pela arte, sem preocupação com compromisso social ou qualquer vinculação político-ideológica, iludem-se, envoltas(os) num suposto ar de neutralidade que deve pautar a criação estética, como se a obra de arte não fosse resultado do pensamento-sentimento de suas(eus) autoras(es), que vivem tempos históricos delimitados, os quais contextualizam e são base material para o fazer artístico, tratam a arte como um a priori, como uma instituição acima do bem e do mal. Essas vozes “isentonas”, disseminadoras de *l’art pour l’art*, contrapõem-se a outras infundáveis vozes que não só

advogam ferozmente, como demandam e propagam uma arte comprometida com seu tempo, engajada, que ecoe o clamor das populações desterradas, invisibilizadas, desterritorializadas, empobrecidas e

marginalizadas, uma arte que reclame a beleza e o poder dos levantes, das revoluções populares e das mudanças estruturais em prol do bem comum. Nesse sentido, há muita produção e consumo de obras de arte que, assumidamente, colocam-se nas trincheiras das lutas por justiça racial, de classe e de gênero, por transformações sociais, combate às discriminações e propagação de direitos individuais e coletivos, para a humanidade, como também para toda a diversidade de seres que habitam o planeta, na comum unidade entre homens, mulheres, crianças, plantas, bichos, montanhas, florestas, rios e mares. Uma arte que se irmane com a busca de uma vida de abundância e felicidade, o que não necessariamente significa pobreza estética, discursos padronizados, engessados, literais, ou ingenuidade, superficialidade e panfletarismo.

A reivindicação de uma arte política remete a tempos imemoriais de nossa história, contudo, vê-se que a partir do século 20, houve a intensificação, no campo da produção e do consumo de arte, da presença de intelectuais e artistas negras(os), mulheres, feministas, indígenas, imigrantes, comunidade LGBTQIAPN+, pessoas de territórios marginalizados, dentre outras categorias e grupos sociais a quem se impõe a subalternidade. Isso fomentou rupturas epistemológicas e conceituais e possibilitou o surgimento de novas narrativas, antes invisibilizadas, contadas por pontos de vista multifacetados, e não os costumeiramente promovidos à categoria de cânone, cujo retrato masculino, cis e branco sempre preencheu os currículos eurocentrados

de nossas instituições. Nesse sentido, emerge um falar de dentro, horizontalizado, que tende a abolir exotismos e elitismos e romper com elaborações coloniais do pensamento e do fazer artístico.

As expressões de quem tem ou teve seu corpo, seu território, sua identidade e direitos violados tende a revelar o desejo de liberdade, emancipação, solidariedade e subversão, tende à ruptura com discursos e regras estéticas dominantes e à crítica do colonialismo e do capitalismo, essa máquina de moer gente, que se funda no racismo, na exploração econômica, na concentração de renda, na pilhagem, no roubo, na misoginia, na LGBTQIAPN+fobia e tantas outras discriminações, um sistema que impõe, além da pobreza material, a miséria espiritual e empurra a maior parte da humanidade para o quarto de despejo, como afirma Carolina Maria

de Jesus. É possível que essa parcela de gente despejada, a não ser que esteja mergulhada no lamaçal da total alienação, vincule-se, sempre que possível, à criação e/ou à fruição de artes engajadas.

Tenho refletido sobre a função social da arte, sobretudo, durante os últimos 11 meses que tive o privilégio de viver em Cabo Verde, país da África Insular, constituído por 10 ilhas vulcânicas de beleza descomunal, situadas na costa ocidental do continente, cuja população, em sua maioria pessoas simples, trabalhadoras e resilientes, é oriunda da mestiçagem violenta entre africanos e portugueses, de onde provêm uma cultura e história que também refletem tais ambivalências. Atravessei o Atlântico como bolsista do Ministério da Igualdade Racial do Brasil para cursar parte de meu doutorado em Antropologia, na busca de refazer o caminho trilhado por nos-

sos ancestrais, já que, Cabo Verde, por sua posição estratégica no oceano atlântico, foi entreposto do comércio de escravizadas(os), desde fins do século 15, de onde vieram muitas(os) africanas(os) sequestradas(os) de suas terras e enviadas(os) para as Américas. Propus-me fazer um movimento Sankofa, que é um conceito e símbolo adinkra africano, do povo Akan de Gana, que significa voltar ao passado e buscar o que deixou lá, com o fim de obter a sabedoria necessária para prosseguir a caminhada em direção ao futuro, sem esquecer de honrar a ancestralidade e o trabalho feito por quem veio antes de nós. Fui aprender com uma ancestralidade viva, pulsante, atual, com minhas irmãs e irmãos africanas(os) de hoje, para forjar possibilidades de atuação no presente, enquanto educadora e “artista” antirracista, enquanto poeta que busca alternativas de um futuro

mais risonho para nossa gente esquecida e silenciada.

Desembarquei num Cabo Verde que comemorava 100 anos de seu maior líder e combatente das lutas por libertação, o famoso estadista, intelectual e poeta africano Amílcar Cabral, era também momento de celebração dos 50 anos de independência daquele país do colonialismo português. O país estava em festa! Assim, pude observar simpósios, conferências, lançamentos de obras literárias, documentários, filmes, séries documentais na TV, batalhas de poesia, *shows* musicais, peças de teatro e dança, concursos de *slam*, dentre outras manifestações artísticas a contar histórias de homens e mulheres que lutaram bravamente tanto na luta armada nas matas da Guiné-Bissau, como na luta diplomática e política em Cabo Verde pela libertação dos dois países. E o que se destaca em toda essa efervescência cultural

é a presença de uma arte que sempre se contrapôs ao status quo e buscou juntar-se à luta pela libertação nacional.

São muitas as manifestações artísticas que retratam a força desse povo combatente, desde as pinturas nas paredes das ruas, um verdadeiro ateliê a céu aberto em várias zonas das 10 ilhas de Cabo Verde, muitos dos quais se reportam a figuras heroicas como o já citado Amílcar e a Titina Silá, mulher guineense, guerrilheira combatente pela independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Pude ouvir as músicas de protesto contra o domínio português, mornas e funaná, e mais recentemente o *rap* crioulo, que exaltavam as lutas anticoloniais e a valorização da africanidade deste país arquipelágico. Vale ressaltar aqui que manifestações tradicionais como o Funaná, gênero musical frequentemente associado a atos de insubmissão e resistên-

cia contra o regime colonial, o Batuku, considerado a expressão musical cabo-verdiana de caráter mais nitidamente africano e as Tabankas, manifestação do catolicismo popular, oriundo do período em que escravizadas(os) tinham permissão do regime para sair às ruas e festejar a sua maneira o calendário dos santos católicos, foram fortemente reprimidas no regime colonial português, assim como foi o samba e a capoeira no Brasil. Tais proibições desnudam a força que tem o fazer artístico frente aos desmandos e opressões dos sistemas dominantes e o medo que os poderosos têm da liberdade criativa do povo e de suas celebrações mais genuínas e livres, que são, em si mesmas, atos de insurreição e rebeldia. Outro exemplo é a proibição do uso das línguas maternas que é praxe das administrações coloniais, no caso de Cabo Verde, a língua materna interdita fora o

Foto: Arquivo pessoal



Mural Rainha Tabanka, na Achada Grande Frente, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde



Celebração da cultura cabo-verdiana com a Roda de Batuku do grupo de Batucadeiras Nos Herança, realizada na Cidade Velha, na Ilha de Santiago

Sede Tabanka de São João Baptista, na Achada Grande Frente, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde

Foto: Arquivo Editora Nos Raiz

Foto: Arquivo pessoal

Kriolu Kabuverdianu, que, no entanto, assim como as demais manifestações citadas, sempre resistiu, se mantém vivo e é utilizado por toda a população das ilhas, em todas as suas variedades dialetais.

As reflexões até aqui feitas buscam contextualizar, brevemente, o país africano insular, irmão mais novo do Brasil, onde tive o privilégio de viver, estudar e aprender, para introduzir a apresentação dos poemas de Amílcar Cabral (1924-1973), Ovídio Martins (1928-1999) e de Vera Duarte (1952), filhos e filha dessa terra, que se vincularam à literatura e à política de seu país. Vera Duarte ainda atuante na literatura e com muitas ligações com o Brasil, país que tem percorrido a levar sua obra. Os poemas, que ora apresento, dialogam entre si, ao revelarem palavras insurretas, mensagens de amor, luta pela terra e gritos de liberdade, vejamos:

“Pude ouvir as músicas de protesto contra o domínio português, mornas e Funaná, e mais recentemente o rap crioulo, que exaltavam as lutas anticoloniais e a valorização da africanidade deste país arquipelágico”

A minha poesia sou eu

*...Não, Poesia:
Não te escondas nas grutas de meu ser,
Não fujas à Vida.
Quebra as grades invisíveis da minha prisão,
Abre de par em par as portas de meu ser
— sai...*

*Sai para a luta (a vida é luta)
Os homens lá fora chamam por ti,
E tu, Poesia és também um homem.
Ama as Poesias de todo o Mundo,
— Ama os Homens.*

*Solta teus poemas para todas as raças,
Para todas as coisas.
Confunde-te comigo...*

*Vai, Poesia:
Toma os meus braços para abraçares o Mundo,
Dá-me os teus braços para que abrace a Vida.
A minha Poesia sou eu.*

Amílcar Cabral

Foto: Reprodução/Editorial Adandé



Anti-evasão

*Pedirei —
Suplicarei
Chorarei*

Não vou para Pasárgada

*Atirar-me-ei no chão
e prenderei nas mãos convulsas
ervas e pedras de sangue*

Não vou para Pasárgada

*Gritarei
Berrarei
Matarei
Não vou para Pasárgada.*

Ovídio Martins

Foto: Reprodução/barrosbrito.com



Desejos

*Queria ser um poema lindo
cheirando a terra
com sabor a cana*

*Queria ver morrer assassinado
um tempo de luto
de homens indignos*

*Queria desabrochar
— flor rubra —
do chão fecundado da terra
ver raiar a aurora transparente
ser r'bera d'julion
em tempo de são joão
nos anos de fartura d'espiga
d'midje*

*E ser
riso
flor
fragrante
em cânticos na manhã renovada.*

Vera Duarte

Foto: Leonardo Ariel



Em *A minha poesia sou eu*, de Cabral, a voz-lírica ordena à poesia que não fuja à vida e saia para a luta, vá irmanar-se com toda a humanidade, com todas as raças, num ato de amor universal para a quebra das grades que aprisionam o ser. Já o poema *Anti-evasão*, de Ovídio Martins, apresenta-nos um diálogo intertextual transatlântico com o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, do poeta recifense Manuel Bandeira, e, ao contrário da tentativa de fuga à realidade expressa neste, aquele poema é um grito à resistência, que nos chama à luta, que puxa à concretude da vida e seus desafios, como expressa a gradação “(...) Gritarei / Berrarei / Matarei / Não vou para Pasárgada”, aqui, o eu-lírico está disposto a matar, mas não fugirá à luta. Já em *Desejos*, de Vera Duarte, a voz no poema revela sua ânsia por ver “(...) morrer assassinado / um tempo de luto / de homens indignos e entoar (...) cânticos na manhã renovada”.

Os três poemas apresentados, revelam que o engajamento artístico nas causas humanitárias não necessariamente leva ao empobrecimento estético e confirmam nossa reflexão acerca da função social da arte e do compromisso da(o) artista com seu tempo, como também a concepção da poesia como um produto do complexo social em que é gerada, inclusive como fruto das lutas sociais. Em tempos de defesa da soberania nacional face ao viralatismo de uma extrema direita antipatriótica é sempre bom lembrar de que lado a boa poesia deve ficar.

Foto: Arquivo pessoal



Mural do político, poeta e escritor Amílcar Cabral (1924-1973), na Achada Grande Frente

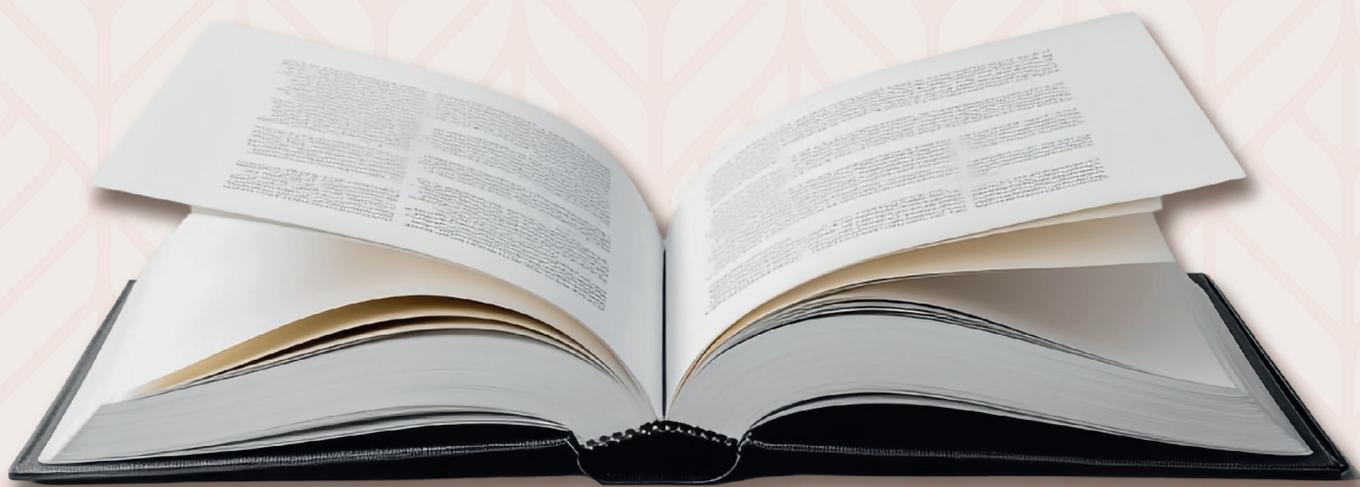
Renálide Carvalho, natural de Jacaraú (PB), é escritora, atriz e educadora negra, feminista, militante dos movimentos sociais e da negritude, doutoranda em Antropologia e graduada em letras pela UFPB, mestra em educação pela UEPB, docente de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Piauí. Publicou os livros 'Poemas a Vapor' (Funjope), 'Meus Er(r)os' e 'O espelho de Dandara' (ambos da Caravana) e 'Negros Riscos' (Ideia).

VOCÊ, AUTOR

PUBLIQUE SEU LIVRO NA EDITORA A UNIÃO.



Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra.



Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083

A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac